



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

MARIA DO SOCORRO OLIVEIRA

**RELATO DE EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA: AS REPRESENTAÇÕES DE
GÊNERO ENTRE OS ALUNOS DO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

CAMPINA GRANDE - PB

JUNHO/2018

MARIA DO SOCORRO OLIVEIRA

**RELATO DE EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA: AS REPRESENTAÇÕES DE
GÊNERO ENTRE OS ALUNOS DO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Estadual da Paraíba, como parte
dos requisitos necessários para a obtenção do
título de Licenciatura Plena em Pedagogia.
Orientadora: Prof^ª. Ms. Senyra Martins
Cavalcanti

CAMPINA GRANDE – PB

JUNHO/2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

O48r Oliveira, Maria do Socorro.

Relato de experiência pedagógica: as representações de gênero entre os alunos do 5º ano do ensino fundamental [manuscrito] : / Maria do Socorro Oliveira. - 2018.
60 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2018.

"Orientação : Profa. Ma. Senyra Martins Cavalcanti ,
Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."

1. Ensino Fundamental . 2. Cinema de animação. 3.
Recurso pedagógico. 4. Representação social. 5. Relato
etnográfico.

21. ed. CDD 372

MARIA DO SOCORRO OLIVEIRA

**RELATO DE EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA: AS REPRESENTAÇÕES DE
GÊNERO ENTRE OS ALUNOS DO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Estadual da Paraíba, como parte
dos requisitos necessários para a obtenção do
título de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Aprovada em: 25/06/2018

BANCA EXAMINADORA

Senyra Martins Cavalcanti
Prof.ª Mrs. Senyra Martins Cavalcanti (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Maria do Socorro Moura Montenegro
Prof.ª Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Patricia Cristina de Aragão
Prof.ª Dra. Patrícia Cristina de Aragão
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Ao todo poderoso Deus, por ter me concedido saúde, força e disposição para cursar a universidade, mesmo tendo o desafio de trabalhar os dois horários e de enfrentar três greves, bem como construir o trabalho de final de curso. Sem ele, nada disso seria possível.

Aos meus pais, Maria do Carmo Ursulina Oliveira e Manoel de Oliveira, que me deram apoio em todos os momentos, me incentivando quanto à decisão em cursar a universidade.

Aos meus irmãos, Andréa de Oliveira, André de Oliveira, Mirian de Oliveira e Mariana de Oliveira por todo apoio e carinho.

Ao meu namorado Everaldo Ribeiro, que me estimulou durante todo o tempo e compreendeu minha ausência, em determinados momentos, ocasionada pela dedicação aos estudos.

Às minhas companheiras de sala, Giszélia de Oliveira Santos, Maria Elenice Silva Barbosa de Souza, Geane Bezerra de Menezes e Renata Kelly Rodrigues Maciel, pelo compartilhamento de alegrias, tristezas, cumplicidade e pelas trocas de conhecimentos.

À Instituição Criança Esperança e às colegas de trabalho pelo apoio ao longo desses anos.

À Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), por me proporcionar um ambiente criativo e amigável para os estudos. Sou grata a cada membro do corpo docente, à direção e à administração dessa instituição de ensino.

Aos meus mestres, Glória Maria Leitão de Souza Melo, Maria José Guerra, Maria Lúcia Serafim, Cristina Sales, Maria das Graças Ferreira de Lima, Livânia Beltrão, Paula Almeida de Castro, entre outros, pelos ensinamentos. Foram eles que me deram recursos e ferramentas para evoluir um pouco mais todos os dias.

À professora Senyra Martins Cavalcanti, responsável pela orientação deste trabalho.

À banca examinadora pela avaliação da minha pesquisa.

RESUMO

Considerando que a cultura visual é bastante atrativa para as crianças, o trabalho didático-pedagógico com o cinema de animação constitui-se, tanto em uma importante ferramenta pedagógica, quanto em possibilidades de investigação na perspectiva do professor como investigador de sua própria prática. Nessa linha, buscamos abordar, a partir do cinema, as questões de gênero e suas representações, tendo como cerne de averiguação os alunos de minha sala de aula, composta por crianças que têm entre 9 e 12 anos e cursam o 5º ano do ensino fundamental no Instituto Criança Esperança, localizado na cidade de Campina Grande – PB. Visamos, deste modo, explorar as representações sociais construídas sobre os padrões feminino e masculino, o que é considerado próprio, normal e diferente em cada gênero e como os mesmos veem as dissimetrias socialmente construídas a partir dos seres homem e mulher. Para a coleta de dados, fizemos uso da exibição do filme de animação *Mulan* (1998), dirigido por Tony Bancroft e Barry Cook, elaboramos instrumentais com a temática para aplicação em sala e posterior análise, registro em diário de campo das observações e discussões com a turma, leitura e síntese de literatura acadêmica sobre a temática. Na ocasião da análise dos dados coletados na pesquisa etnográfica, buscamos fundamentação teórica nos conceitos de gênero, representados por Scott (1994) e Haraway (2004), identidade de gênero, em Louro (1997), (2008) e Fleuri (2003), modelos de feminilidade e masculinidade em Paechter (2009), cultura infantil na contemporaneidade em Giroux (1995) e Cavalcanti (2008), dentre outros. Na articulação entre cinema e educação nos apoiamos em Duarte (2002), Napolitano (2003), Fantin (2012) e Barquete (2017); cinema de animação em Pinto (2009) e Rael (2010). Dando prosseguimento, na análise dos dados utilizamos ainda a abordagem metodológica qualitativa proposta por Minayo (2010), Mattos (2011) e André (2008); nas reflexões sobre o professor como investigador de sua prática pedagógica nos utilizamos de Nóvoa (2001), Alarcão (2001) e Zeichner (1993). Os resultados da pesquisa nos mostraram que os alunos percebem o gênero na sua forma mais tradicional, ou seja, o concebe de acordo com a diferença biológica, pois entendem que os padrões de masculinidade e feminilidade socialmente esperados são diferentes, embora ambos possuam os mesmos direitos e deveres como qualquer cidadão e devam ser respeitados e valorizados da mesma forma.

Palavras-chave: Gênero. Representações sociais. Cinema de animação. Ensino Fundamental. Relato etnográfico.

ABSTRACT

Considering that the visual culture is very attractive for children, the didact-pedagogical work with the animation cinema is both an important pedagogical tool as well as an investigative possibility from the teacher's perspective as a researcher of his own practice. In this line, we seek to approach from the cinema the issues of gender and its representation, by having as background the students of my classroom, composed of children who are between nine and twelve years old and attend the fifth grade of elementary school at the Instituto Criança Esperança, located in the city of Campina Grande - PB. In this way we aim to explore the social the social representations built on the feminine and masculine patterns, what is considered proper, normal, and different in each gender and how they see the socially constructed dissymmetries from the man and woman beings. For the data collection we made use of the animation film *Mulan* (1998), directed by Tony Bancroft and Barry Cook, we elaborated thematic instruments for application in a room and later analysis, recording in a field diary the observations and discussions with the class, the reading and synthesis of the academic literature on the subject. In the analysis of the data collected in the ethnographic research, we searched for theoretical basis in the concepts of gender represented by Scott (1994) and Haraway (2004), gender identity in Louro (1997), (2008) and Fleuri (2003), models of femininity and masculinity in Paechter (2009), infant culture in the contemporaneity in Geroux (1995) and Cavalcanti (2008), among others. In the articulation between cinema and education we rely in Duarte (2002), Napolitano (2003), Fantin (2012) and Barquete (2017); animated cinema in Pinto (2009) and Rael (2010). In the data analysis we used the qualitative methodological approach proposed by Minayo (2010), Mattos (2011) and André (2008); in the reflections on the teacher as an investigator of his pedagogical practice we used Nóvoa (2001), Alarcão (2001) and Zeichner (1993). The research results showed that students perceives gender in its more traditional form, in other words, they conceives it according to the biological difference, since they understand that the socially expected patterns of masculinity and femininity are different, although both have the same rights and duties as any citizen and should be respected and valued in the same way.

Keywords: Gender. Social representations. Animation cinema. Elementary School. Ethnographic report.

LISTA DE FIGURAS

Imagem 1: Alunos prestando atenção ao filme e às cenas dele.....	40
Imagem 2: Cartaz com os nomes dos atributos	42
Imagem 3: Aluno realizando atividade	42
Imagem 4: Representa a resposta da primeira atividade do aluno Geraldo (10 anos)	44
Imagem 5: Representa a resposta da primeira atividade do aluno Carlos (10 anos).....	45
Imagem 6: Representa a resposta da primeira atividade do aluno Pedro (10 anos).....	46
Imagem 7: Aluna realizando atividade.....	47
Imagem 8: Representa a resposta da primeira atividade da aluna Jéssica (10 anos).....	47
Imagem 9: Representa a resposta da primeira atividade do aluno Geraldo (10 anos).....	48
Imagem 10: Representa a resposta da segunda atividade do aluno Arnaldo (10 anos).....	48
Imagem 11: Representa a resposta da segunda atividade do aluno Roberto (10 anos).....	49
Imagem 12: Representa a resposta da atividade do aluno Pedro (10 anos).....	50
Imagem 13: Produção da aluna Renata (10 anos): “Brincadeira de menina e de menino”.....	52
Imagem 14: Produção da aluna Jéssica (10 anos): “Emprego de homem é mulher”.....	54
Imagem 15: Produção do aluno Leonardo (12 anos): “A vida da corredora número 1”.....	56

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Nomes Fictícios dos alunos do 5º ano.....	38
Tabela 2: Atributos relacionados para as meninas e para os meninos entre os alunos do 5º ano.....	43

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. CAPÍTULO I: CINEMA E EDUCAÇÃO.....	13
1.1 O cinema e o cinema de animação.....	13
1.2 O cinema em tempos e espaços escolares.....	16
2. CAPÍTULO II: O GÊNERO E OS FILMES DA DISNEY.....	21
2.1 Conceituando gênero.....	21
2.2 Identidade de gênero.....	23
2.3 As representações.....	26
2.4 O gênero nos filmes da Disney.....	27
3. CAPÍTULO III: METODOLOGIA.....	33
3.1. O professor como investigador da sua prática pedagógica.....	33
3.2. A abordagem da pesquisa, coleta e organização dos dados.....	35
3.3. Campo de investigação.....	38
3.4. Análise dos dados.....	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	60

INTRODUÇÃO

As questões de gênero, tais como entendemos atualmente, foram construídas por meio das relações sociais e culturais estabelecidas entre os membros da sociedade ao longo da história. O termo gênero não se aplica somente à questão biológica, que implica em que nascer com os órgãos femininos deve ser indicativo de feminilidade e nascer com os órgãos masculinos de masculinidade. O que define realmente o gênero são as relações estabelecidas, a construção da identidade e o meio social ao qual o indivíduo pertence. Como parte desse meio, a escola se apresenta como um espaço pleno de trocas e aprendizados sociais e neste espaço podem ser perpetuadas ou recriadas as relações de gênero em sociedade por educadores.

O objetivo geral do nosso estudo é analisar as representações sociais de gênero formuladas pelas crianças em sala de aula a partir do cinema de animação, especialmente no filme *Mulan* (1998), dirigido por Tony Bancroft e Barry Cook, tendo como objetivos específicos identificar o que os alunos pensam sobre o padrão de menina e menino, refletir a importância de discutir sobre gênero em sala de aula e promover atitudes de valorização entre os mesmos.

Sabemos que o cinema é um importante meio de comunicação, possui grande poder criativo, estimula a curiosidade e pode ser promotor da pesquisa científica, porque, além de divertir e entreter, influencia na maneira de refletir e enxergar a realidade. Além disso, é um recurso didático bastante utilizado pelas escolas para trabalhar conteúdos e temáticas, facilitando o discurso e a aprendizagem dos alunos.

O interesse por essa temática partiu de uma inquietação pessoal em saber trabalhar com questões de gênero na minha sala de aula de forma pedagógica, sem causar constrangimento entre os alunos, mas ao mesmo tempo promover uma discussão que tanto me levasse a conhecer as suas representações sobre a questão, quanto estabelecer o respeito entre os gêneros.

A fim de ampliar a minha formação inicial sobre a temática, me inscrevi nos cursos de extensão (PROEX/UEPB) "Cinema e História da Educação" e "Cinema de animação e educação na perspectiva da transversalidade do conhecimento", ambos ministrados pela professora Senyra Martins Cavalcanti, em 2014 e 2018, respectivamente. Os referidos cursos despertaram o interesse na articulação entre educação e cinema, como mediadoras das questões de gênero.

A pesquisa foi realizada em uma turma do 5º ano composta por 11 alunos com a faixa etária de 9 a 10 anos de idade, sala de aula na qual sou professora no Instituto Criança Esperança, localizado na Cidade de Campina Grande – PB.

Buscando desenvolver nossa pesquisa, seguimos a metodologia qualitativa, norteadas pela reflexão do professor como um investigador de sua própria prática pedagógica. Dessa

forma, demos início à elaboração de instrumentais para a coleta de dados e de registros em diário de campo a respeito das observações e das experiências vivenciadas.

O referencial teórico da pesquisa é composto pelos conceitos de gênero em Scott (1989) e Haraway (2004); identidade de gênero em Louro (1997, 2008) e Fleuri (2003); modelos de feminilidade e masculinidade em Paechter (2009); cultura infantil na contemporaneidade, em Giroux (1995) e Cavalcanti (2008). Na articulação com o cinema e a educação nos apoiamos em Duarte (2002), Napolitano (2003), Fantin (2012) e Barquete (2017); cinema de animação e educação em Pinto (2009) e Rael (2010). A coleta de dados e análise seguiu a abordagem metodológica qualitativa proposta por Minayo (2010), Mattos (2011), André (2008), enquanto que as reflexões sobre o professor como investigador de sua prática teve apoio em Nóvoa (2001), Alarcão (2001) e Zeichner (1993).

Este trabalho está dividido e organizado da seguinte forma: no Capítulo 1 temos uma reflexão sobre O cinema; Cinema de animação e o Cinema em tempos e espaços escolares. No Capítulo 2, são abordados os conceitos de gênero, relações de poder entre os gêneros, identidade de gênero e o gênero nos filmes da Disney. No capítulo 3, descrevemos sobre os procedimentos metodológicos utilizados ao longo da pesquisa e analisamos os dados coletados. Depois, apresentamos as considerações finais e, por fim, as referências utilizadas.

1. CAPÍTULO I: CINEMA E EDUCAÇÃO

1.1 O cinema e o cinema de animação

O cinema surgiu durante a Segunda Revolução Industrial, graças à pesquisa dos irmãos Auguste e Louis Lumière, durante o período de transformações tecnológicas e científicas no século XIX e início do XX. A primeira exibição cinematográfica ao público aconteceu em 28 de dezembro de 1895 e teve duração de 20 minutos no *Salon Indien* do *Grand café*, em Paris.

Ao longo do tempo essa arte se expandiu e vem passando por diversas inovações tecnológicas, atingindo um público de diversas faixas etárias e ampliando os locais de exibição. Buscando atender às necessidades do espectador, como aponta Pinto (2009, p. 2), “[...] as produções cinematográficas procuraram atingir o público seguindo as necessidades imperativas do momento”. O autor se refere à questão do cinema servir como uma válvula de escape no período pós-guerra, no contexto da Segunda Guerra Mundial, onde as pessoas passavam horas e horas trabalhando. Assim, o mesmo passou a ser uma ferramenta que oferecia algum tipo de lazer.

Atualmente, o cinema está a serviço do entretenimento e da indústria cultural exercendo grande influência sob a população. Observamos como se tornou comum o público imitar o estilo de roupa, acessórios, corte e cor de cabelos dos atores e atrizes, contribuindo para o desenvolvimento da indústria, o que atinge também os públicos infantis e infanto-juvenis. São inúmeros objetos ofertados: roupas, brinquedos, cosméticos, material escolar, acessórios, entre outros.

Outra função exercida pelo cinema é proporcionar ao espectador uma visão crítica da realidade, do seu dia a dia, a partir da exibição de um filme, Pinto (2009, p. 2) nos diz que “[...] o filme é, ao mesmo tempo, objeto artístico e objeto de reflexão com a possibilidade de ir além do mero entretenimento e passatempo (lazer)”. Alguns filmes provocam nos espectadores a reflexão sobre determinado assunto, fazendo até mudar o olhar e a forma de ver as coisas.

O já citado autor aponta ainda para o cuidado que o espectador deve ter sobre o conteúdo dos filmes, pois muitos trazem a visão do mundo na percepção dos produtores, criadores e atores das produções filmicas.

[...] por que toda produção cinematográfica carrega em suas mensagens visões de mundo dos elementos envolvidos na produção, com maior ou

menor nível, de interferências, e dessa forma o filme educa (ou deseduca) o sujeito-receptor, quando cria mentalidades ou imaginários, pois toda obra de arte carrega ideologia e é reflexo de seu mundo histórico. (PINTO, 2009, p. 3).

O filme pode educar ou deseducar a medida que cria mentalidades baseadas no telespectador do ponto de vista dos criadores. O telespectador precisa ter suas opiniões e visões formadas para não se prender à mensagem colocada pelo filme, pois nem sempre o que foi retratado é de fato enxergado.

Os desenhos animados surgiram a partir de 1920. Várias foram as tentativas e os experimentos para a criação desse tipo de arte que institui uma ilusão de movimento e foram realizadas bem antes dos irmãos Lumière. Os primeiros a tentarem produzir desenhos com movimento foram Josepk Plateau, em 1832, na Bélgica, e Emile Reinaude, em 1882, na França. Podemos mencionar, também, no início do século XX, J. Stuart e Winsor McCay, respectivamente, em 1908 e 1909, nos EUA.

As primeiras obras de animação criadas com a introdução de som, considerada de certa forma rústica, se comparar atualmente com as computadorizadas, foram introduzidas nas aberturas de programações dos cinemas a partir da década de 20. Foi nessa época que surgiram os personagens conhecidos até hoje como o Mickey Mouse, Gato Félix, Pateta, Pato Donald, Tom e Jerry, entre outros. Sabemos que as imagens desses personagens sofreram diversas alterações no decorrer desse tempo, com o surgimento de técnicas novas, visto que, os primeiros personagens eram produzidos mediante desenhos no papel e atualmente foram modernizados com o surgimento das tecnologias digitais.

Com o advento da era digital, novos filmes surgiram como, por exemplo, Monstros S/A, Toy Story, Formiguinha Z, Vida de Inseto, Ratatulle, Fuga das galinhas, Os sem floresta, Madagascar, Procurando Nemo, Shrek, entre outros. Estes foram criados com um conjunto de detalhes em sua composição visual de personagens e cenários, como contou também com efeitos de luz e de movimentos proporcionados pela câmera.

Os desenhos animados podem proporcionar o estudo de diversas temáticas como o trabalho, o preconceito, as questões de gênero, o capitalismo, o consumo, o meio ambiente, a cidadania, dentre outros temas.

Nota-se, por exemplo, que estão presentes - e se repetem - nessas obras conceitos como Trabalho em Equipe, Gestão, Liderança, Liberdade, Utopia, Concorrência, Propaganda e publicidade, Sucesso, Fracasso, Qualidade Total, Emprego e desemprego, Divisão sexual no trabalho, Determinismo, Individualismo, Toyotismo, Heroísmo e Anti-herói, Fordismo/taylorismo,

Empreendedorismo, dentre outros conceitos e aspectos do mundo do trabalho como Trabalho Coletivo, Globalização, Cidadania, Emancipação Humana, Alienação, Gerência, Sociedade de Consumo, Mercadorias e mercadorização, Hierarquia de trabalho, Trabalho (e exploração de mão-de obra), Qualidade de Vida, Solidariedade... e estes estão presentes não somente no capitalismo mas dentro das três fases do capitalismo moderno. (PINTO, 2009, pp. 4-5)

Pinto (2009) buscou analisar os conceitos relacionados ao capitalismo nos filmes *Monstros S/A*, *Toy Story*, *Formiguinha Z*, *Vida de Inseto*, *Ratatouille*, *Fuga das Galinhas* e *Sem Floresta*. De uma forma sutil, nesses desenhos são apresentados características e comportamentos esperados de um trabalhador no sistema capitalista, como comprometimento, atitudes empreendedoras e criatividade para vencer os obstáculos.

A companhia de cinema que mais fatura no ramo dos desenhos animados é a Walt Disney Company, esta que traz o nome do seu fundador, Walt Elias Disney. *Branca de Neve e os Sete Anões* foi primeira animação lançada em 1937 e desde então foram lançados outros filmes que culminaram no reconhecimento mundial e tornaram a Walt Disney a maior dentre todas as produtoras de desenhos animados.

Rael (2010) aponta para a utilização do recurso das cores, a representação estética e a trilha sonora presentes nos filmes da Disney, estes que são utilizados para distinguir personagens. O trabalho em sala de aula com desenhos animados da Disney me proporcionou observar que as cores claras são utilizadas para simbolizar a figura do bem representadas pelos heróis, príncipes e princesas. As cores escuras estão associadas à figura do mal, presentes nos vilões e nas bruxas.

A representação estética também evidencia e marca personagens esteticamente “bonitos” e bons, como é o caso dos príncipes e principalmente das princesas, consideradas nos desenhos como as mais belas do reino, enquanto os que estão do lado do mal são representados por figuras deformadas e ditas “feias”.

A representação marca também a diferença entre os personagens. As protagonistas são sempre representadas como figuras esbeltas, com formas mais suaves. Nas vilãs, as linhas dos desenhos são mais pontiagudas, as feições são marcadas por traços mais fortes, tradicionalmente consideradas como feias e grotescas. (RAEL, 2010, p.162)

As diferenciações presentes nos desenhos animados influenciam diretamente as crianças e adolescentes. Quantas crianças ao assistirem a um filme intitulam-se uma princesa ou um herói e acabam escolhendo as cores de roupas que caracterizam seus personagens

favoritos? Nas observações do brincar infantil, percebo que grande parte sempre escolhe ser o herói, príncipe ou princesa e nunca o vilão ou a bruxa, porque são maus e feios e não querem ter sua imagem associada ao mal. Quando vamos organizar peças infantis na escola sentimos dificuldades na montagem dos personagens com contos de fadas. Por exemplo, as crianças não querem representar as bruxas ou as pessoas más, assim também como os pais não querem os seus filhos teatralizando esses papéis.

Com relação aos adolescentes, quantos não se arriscam na busca do corpo perfeito, com dietas e uso de remédios que proporcionem o corpo ideal? Tendem a imitar o estilo de roupa, de cabelo, as atitudes dos personagens *teens*. Isso afeta diretamente as relações entre eles, pois o jovem que não se enquadra nesse padrão tende a ser excluído por não se comportar e pensar da mesma forma que a maioria.

A trilha sonora também é outro fator determinante na diferenciação entre o bem e o mal nos desenhos da Disney. As músicas são utilizadas para diferenciar os personagens, as alegres e divertidas fazem parte da trilha sonora dos protagonistas, enquanto que as sombrias (causam medo) são destinadas aos vilões. Assim também como o cenário dos desenhos, os “mais arrumados” e “limpos” pertencem aos mocinhos, enquanto que os mal cuidados, sujos e fedorentos pertence aos maus, o que reforça alguns dos valores impostos pela sociedade, ou seja, o cuidado e o zelo que devemos ter com os ambientes.

1.2 O cinema em tempos e espaços escolares

O cinema, ao se inserir no espaço escolar, transforma-se numa importante ferramenta que oportuniza aos alunos adquirir conhecimentos, elaborar, refletir e reelaborar conceitos, como também, os hábitos culturais estabelecidos pela sociedade da qual participam. No entanto, para utilizar o cinema como ferramenta didática na escola é necessário integrá-lo ao Projeto Político Pedagógico, ao currículo e às práticas de ensino para transmitir os conhecimentos pertinentes ao meio em que se encontram.

O objeto da educação na definição da proposta pedagógica histórico-crítica de Savianni diz que

[...] o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo. (SAVIANNI, 2011, p. 13).

O aspecto “identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados” possui relação com a seleção de conteúdos que fazem parte do trabalho pedagógico e dentro desses conteúdos devem estar contidos os aspectos culturais. Enquanto que o aspecto “à descoberta das formas mais adequadas” relaciona-se à organização como um todo, ou seja, ao espaço, aos conteúdos e aos recursos que fazem parte da rotina escolar da qual, conseqüentemente, fará parte.

Dentro do trabalho pedagógico estão inclusos os conteúdos culturais considerados importantes para a assimilação e internalização do indivíduo, tornando-se uma segunda natureza. A escola é responsável por transmitir os saberes acumulados ao longo do tempo, estes que auxiliarão os indivíduos a se inserir e viver em sociedade de acordo com as regras que a regem.

A escola não busca só formar e preparar pessoas para o mercado de trabalho, mas também subjetividades culturais, capazes de usar seu potencial imaginativo de criação para transformar para melhor a sociedade em que habita, porque a cada dia exigem-se pessoas que sejam mais flexíveis, dinâmicas, comunicativas e participativas para enfrentar as adversidades e as mudanças surgidas no dia-a-dia. Libâneo (1998, p. 22) afirma que a

[...] educação é o conjunto das ações, processos, influências, estruturas, que intervêm no desenvolvimento humano de indivíduos e grupos na sua relação ativa com o meio natural e social [...] É uma prática social que atua na configuração da existência humana individual e grupal, para realizar nos sujeitos humanos as características de “ser humano”.

A escola tem a função de influenciar os estudantes e as práticas sociais, educando-os para que se tornem “humanos”, se encaixem no que a sociedade exige. O currículo escolar não envolve apenas os componentes curriculares, apenas as disciplinas, os conteúdos e sua organização, mas também a bagagem de crenças, valores, significados, atitudes e comportamentos trazidos pelos alunos fora da escola, o que culmina na formação da sua identidade. A compreensão desses aspectos contribui para que a escola entenda as diferentes manifestações das culturas existentes. É importante também o conhecimento que as crianças possuem com relação ao cinema, à televisão, e à internet para ampliar os conhecimentos e o capital cultural das mesmas.

Muito de nossa cultura hoje é imaterial, ou seja, os conhecimentos são produzidos sobre questões mediadas pelos meios e por sua representação. Assim, grande parte daquilo que conhecemos, conhecemos mais pela

experiência mediada do que pela experiência direta. (FANTIN, 2012, p. 442).

Os indivíduos adquirem conhecimentos nas interações com o outro, com a família, como os amigos e na própria escola. No entanto, esses conhecimentos precisam ser trabalhados de uma maneira que contribua para a formação do mesmo, permitindo que ele faça uso social das aprendizagens adquiridas.

Com o advento da tecnologia digital, o trabalho com filmes na escola foi ampliado e facilitado devido à aquisição de equipamentos mais leves e fáceis de serem manipulados e encontrados, além de um custo mais acessível, tais como a TV, retroprojeter, datashow, câmera e até o celular. Além disso, possibilitou à escola a criação e a ampliação de um acervo de filmes utilizados como recurso pedagógico, auxiliando na aprendizagem e assimilação dos componentes.

O trabalho com o cinema permite uma série de possibilidades no âmbito escolar, tanto se pode ver como produzir filmes. O professor pode organizar diversas estratégias pedagógicas, selecionando ou produzindo filmes que abordem conteúdos relacionados às disciplinas escolares (Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia, dentre outras), como também trabalhar com filmes que agreguem valores e ética.

[...] as aprendizagens promovidas se desenvolvem no horizonte estabelecido pelas diferentes concepções de educação, que confere ao cinema ora o *status* de um instrumento secundário e ilustrativo, ora o de elemento central no processo de ensino-aprendizagem. (BARQUETE, 2017, p. 73)

Quando o cinema é utilizado como um instrumento secundário e ilustrativo na escola, de acordo com Barquete (2017), sua função será apenas ilustrar ou reforçar os conteúdos contemplados no currículo escolar e contidos nos livros didáticos, não sendo apreciada sua estética e seu caráter emocional. Valoriza-se apenas a aprendizagem pautada na lógica, todo o conhecimento adquirido pelo lado da emoção é relegado a um segundo plano.

Como elemento central do ensino-aprendizagem o cinema constitui-se sob o aspecto da arte e da linguagem. O aspecto da arte proporciona um olhar mais apreciativo da obra, dando mais atenção à criação e à mensagem que deseja transmitir, é voltado à expressão coletiva da realidade e de si. O aspecto da linguagem permite uma série de temas que podem ser trabalhados de forma interdisciplinar, mas é preciso que o professor saiba como integrar, pensando em um modo de proporcionar a aprendizagem aos alunos.

O cinema no ambiente escolar, além de oferecer benefícios para o professor, também é benéfico para os educandos, pois promove o desenvolvimento da imaginação dos mesmos. Por ser um recurso lúdico, aproxima os conteúdos escolares e ao mesmo tempo permite uma visão mais ampla de mundo, possibilitando ao professor debater e comparar junto com os alunos o que foi discutido na aula e facilitar o aumento da aprendizagem do tema estudado e além de proporcionar a discussão de outras questões, como a social e a ambiental.

O trabalho com o cinema auxilia no processo de ensino-aprendizagem dos alunos na sala de aula devido ao fato de permitir a apreensão de diversos tipos de conhecimento, em diversos aspectos, como culturais, políticos e históricos. Porém, o que infelizmente observamos é que alguns professores utilizam filmes como forma de entretenimento e diversão. O cinema encanta e diverte, mas também serve como uma fonte de esclarecimento acerca do mundo e do que o rodeia.

Vale destacar o fato dos educadores exibirem filmes para complementar os conteúdos trabalhados em sala, como estudante presenciei essa prática adotada por alguns professores. Por exemplo, se está trabalhando sobre tipos de solo, o professor exhibe para os alunos um filme que retrate o conteúdo para reforçar o que discutiu com eles, sem se preocupar com outras possibilidades que o filme pode proporcionar, como explorar outros temas envolvendo o convívio social, tais como a amizade, o respeito, a união, a preservação.

O cinema é um instrumento precioso, por exemplo, para ensinar o respeito aos valores, crenças e visões de mundo que orientam as práticas dos diferentes grupos sociais que integram as sociedades complexas. (DUARTE, 2002, p. 20).

O cinema é um aparato importante que pode facilitar a docência, ajudando o professor a construir conceitos importantes através dele. Para trabalhar com cinema na sala de aula o professor deve antes fazer indagações do tipo: o que estou querendo abordar com o filme selecionado? É indicado para a faixa etária dos meus alunos? Qual é a cultura cinematográfica dos meus alunos? A quais filmes eles estão mais familiarizados? Essas questões apoiam o professor no seu planejamento como, por exemplo, nos objetivos a serem alcançados e na seleção de conteúdos trabalhados em sala de aula.

[...] o professor como mediador, deve propor leituras mais ambiciosas além de puro lazer, fazendo a ponte entre emoção e razão de forma mais direcionada, incentivando o aluno a se tornar um espectador mais exigente e crítico, propondo relações de conteúdo/linguagem do filme com o conteúdo escolar. (NAPOLITANO, 2003, p. 15).

É importante que o professor, ao exibir o filme escolhido, observe a reação dos seus alunos, se estão demonstrando envolvimento ou não com o que está sendo mostrado, para que possa articular de forma harmoniosa a obra e seus alunos, alcançando assim seus objetivos. Também não podem apenas utilizar o cinema como único recurso didático e nem para passatempo, é necessário que ele proponha leituras e atividades que estão relacionados à temática estudada.

Trabalhar com o cinema na sala de aula não é algo tão simples, é necessário um conhecimento por parte do professor com relação ao mesmo, bem como acerca de filmes para que ele se torne mais capacitado para auxiliar seus alunos e não se fixar ao conteúdo e à mensagem do filme. O professor precisa ter em mente que os filmes podem possibilitar outras aprendizagens e contribuir com a formação intelectual dos alunos.

A escolha e seleção de filmes são importantes para o desenvolvimento do trabalho pedagógico. Os filmes selecionados devem desafiar, inspirar, provocar e inserir novos conhecimentos, despertar o imaginário das crianças. O professor, a partir da exibição do filme, deve levantar questões que provoquem reflexões que ampliem os conhecimentos dos alunos a cerca da temática estudada.

O professor não pode pensar que ao exibir um filme seja necessário que as crianças produzam alguma atividade como escrever, desenhar ou dramatizar e que a aprendizagem só ocorrerá caso produzam algo. Ao contrário, o debate sobre o tema e olhar crítico contribui de forma significativa para construção de um “cidadão plural”, como sugere Fantin (2003), pois não devemos formar apenas trabalhadores e sim pessoas capazes de construir uma sociedade mais justa e igualitária para todos, onde possamos ser respeitados e ter a oportunidade de participar ativamente dessa construção.

2. CAPÍTULO II: O GÊNERO E OS FILMES DA DISNEY

2.1 Conceituando gênero

Quando se fala em gênero articulamos as diferenças entre os sexos. Se nascermos mulheres a sociedade impõe estereótipos feminino, tais como ser comportada, falar baixo, casar e ter filhos. Pode-se também trabalhar fora, mas não pode deixar de cuidar da casa. Enquanto que o homem, ao nascer, já traz consigo a obrigação de ser o provedor da casa, tomar decisões e ser “forte”, características que devem reafirmar sua masculinidade. São esses estereótipos os esperados pelos sexos. Mas, será esse o conceito real de gênero? O que ele abrange?

O gênero, para Joan Scott (1989, p. 21), é “[...] um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder [...]”. À medida que as relações sociais vão se dando, também vão acontecendo essas relações. Tais diferenças, na opinião da autora, se fundam em símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações simbólicas e mitos, um exemplo é o papel representado pela mulher no Ocidente e no Oriente.

O termo gênero, entendido como relação de poder, é de importante compreensão, pois é necessário saber como se difundem socialmente e participam na construção do masculino e feminino. Quando partimos para a diferenciação entre o ser homem e o ser mulher, atribuem-se papéis, significados e funções diferentes para ambos os sexos, estabelecendo relações de poder que muitas vezes os coloca em posições opostas e acentua a desigualdade.

As desigualdades entre os sexos nas relações são percebidas em vários setores da sociedade e em diversos momentos históricos. A mulher, por exemplo, no período imperial brasileiro, não possuía direitos políticos ou sociais, sua vida era comandada quando solteira pelo pai, ao casar o marido passava a controlá-la.

Scott (1989, p. 21) afirma que “[...] os conceitos normativos que põem em evidência as interpretações do sentido dos símbolos, que se esforçam para limitar e conter suas possibilidades metafóricas [...]” são expressos em doutrinas religiosas, educativas, políticas ou jurídicas e opõem de maneira binária e inequívoca as concepções de masculino e feminino. Outro aspecto do gênero é a identidade subjetiva, esta que preconiza que as diferenças ligadas ao sexo contribuem para as relações e os fenômenos sociais de acordo com o masculino ou o feminino, sendo definidas as normas sociais que cada um seguirá.

Um equívoco apontado por Scott (1989) é que muitos pesquisadores (as) associam o gênero somente ao sistema de parentesco, não se pode negar que o gênero é construído através do parentesco, mas não é somente isso. É preciso observar a economia, as instituições de ensino e o sistema político, pois todos esses aspectos contribuem para a construção de gênero. A autora nos diz que

O gênero é construído através do parentesco, mas não exclusivamente; ele é construído igualmente na economia, na organização política e, pelo menos na nossa sociedade, opera atualmente de forma amplamente independente do parentesco. (*ibidem*, p. 22).

Ainda conforme a já citada autora (*ibidem*), há a necessidade de se entender o gênero enquanto relação entre os sexos. É assegurado um significado para os conceitos de homem e mulher, bem como práticas pelas quais a diferença sexual é definida, de acordo com genitália com a qual nascemos. Ainda, nos são ensinados comportamentos característicos de acordo com os padrões exigidos, transformando-nos, assim, em seres biologicamente machos e fêmeas, em homens e mulheres. Os seres sociais, desde a família até os mais diversos setores da sociedade são construídos pelo gênero e as crianças estão expostas a uma série de fatores que buscam influenciar essa construção. Haraway (2004, pp. 211-212) define gênero a partir do contexto social onde o indivíduo se encontra.

Gênero é um conceito desenvolvido para contestar a naturalização da diferença sexual em múltiplas arenas de luta. A teoria e a prática feminista em torno de gênero buscam explicar e transformar sistemas históricos de diferença sexual nos quais “homens” e “mulheres” são socialmente constituídos e posicionados em relações de hierarquia e antagonismo. Já que o conceito de gênero está tão intimamente ligado à distinção ocidental entre natureza e sociedade ou natureza e história, via a distinção entre sexo e gênero, a relação das teorias feministas de gênero com o marxismo está vinculada à sorte dos conceitos de natureza e trabalho no cânone marxista e na teoria ocidental de modo mais geral.

Segundo a autora o conceito de gênero não se resume apenas à diferenciação dos órgãos genitais, é necessário ser analisado as relações sociais, a sociedade a qual o sujeito se insere. Cada sociedade define as práticas sociais a serem seguidas e também o comportamento e as atitudes esperadas tanto para os homens como para as mulheres.

O tema transversal de Orientação Sexual dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN’s – aborda o conceito de gênero de forma aproximada a de Scott (1989) e Haraway (2004).

O conceito de gênero diz respeito ao conjunto das representações sociais e culturais construídas a partir da diferença biológica dos sexos. Enquanto o sexo diz respeito ao atributo anatômico, no conceito de gênero toma-se o desenvolvimento das noções de “masculino” e “feminino” como construção social. O uso desse conceito permite abandonar a explicação da natureza como a responsável pela grande diferença existente entre os comportamentos e lugares ocupados por homens e mulheres na sociedade. (BRASIL, 1998 p. 321).

O tema transversal dos PCN’s conceitua gênero a partir das representações sociais e culturais construídas e internalizadas através das relações sociais estabelecidas entre os indivíduos, uma construção social relegada à ideia de o fator biológico ser o único responsável pela diferenciação entre homens e mulheres.

As brincadeiras, as cores e comportamentos são diferenciados tanto para os homens como para as mulheres. Os meninos devem brincar com carro, armas, pião, pipa, usar roupas nos tons mais escuros como azul e verde e ter um comportamento mais rude; as meninas, por sua vez, vestem roupas em tons mais claros como rosa, amarelo, lilás, devendo se comportar de forma mais delicada, brincar de casinha e de boneca, o que reforça a ideia de que, futuramente, assumirá os trabalhos domésticos.

Sabemos que homens e mulheres são diferentes biologicamente e também se comportam e se expressam de forma diferente, mesmo porque não somos todos iguais, pensamos e agimos diferente uns dos outros. Os diferenciais devem ser trabalhados no ambiente escolar de forma respeitosa, evitando qualquer ideia discriminatória e preconceituosa. Observamos isso quando um menino ou uma menina passa a ter gostos de brincadeiras, brinquedos e comportamentos que se distanciam dos padrões esperados, logo são rotulados de “machão” para as meninas e “mulherzinha” para os meninos.

2.2 Identidade de gênero

O gênero pode ser compreendido numa perspectiva de “identidade dos sujeitos”, como afirma Louro (1997). Os sujeitos possuem identidades plurais, múltiplas, que se transformam, que não são fixas ou permanentes, podendo até mesmo ser contraditórias.

As identidades, ao longo do tempo, vão se modificando, o sujeito pode pertencer a diferentes grupos – étnico, classe social, sexual, gênero, entre outros. Neste trabalho, temos o

ímpeto de enfatizar a identidade de gênero, mas, antes, será feita uma distinção entre identidades sexuais e identidades de gêneros, pois apesar de serem inter-relacionadas não são a mesma coisa.

Os sujeitos vivenciam sua sexualidade de diferentes maneiras e a partir da escolha dos parceiros, seja do mesmo sexo, do oposto ou de ambos. A partir daí as identidades sexuais são construídas.

Nenhuma identidade sexual – mesmo a mais normativa – é automática, autêntica, facilmente assumida; *nenhuma* identidade sexual existe sem negociação ou construção. Não existe, de um lado, uma identidade heterossexual lá fora, pronta, acabada, esperando para ser assumida e, de outro, uma identidade homossexual instável, que deve se virar sozinha. Em vez disso, toda identidade sexual é um constructo instável, mutável e volátil, uma *relação social* contraditória e não finalizada (grifos da autora). (LOURO *apud* BRITZMAN, 1997, p.27).

A identidade sexual não é algo fixo e acabado, está em constante transformação. Não se sabe o momento exato, seja no nascimento, na adolescência ou na fase adulta, que ela foi estabelecida, o que se sabe é que se trata de uma construção que se dá através da relação com o outro.

A identidade de gênero é construída quando os sujeitos se identificam historicamente e socialmente como femininos e masculinos, também não é exatamente no ato do nascimento e pelo sexo biológico – macho ou fêmea – que o indivíduo vai enxergar-se masculino ou feminino. Tanto o gênero quanto a sexualidade são construídos ao longo do tempo, passando por diversas mudanças e se transformando ao longo da vida.

Em suas relações sociais, atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, os sujeitos vão se construindo como masculinos ou femininos, arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e de estar no mundo. (LOURO, 1997, p. 28).

Um dos maiores problemas na definição do gênero está na associação dele com o sexo biológico, pois este está voltado à diferenciação sexual – homem e mulher – e o gênero está ligado à construção cultural das características, comportamentos e atitudes masculinas e femininas exigidas em cada cultura.

O sexo é construído socialmente através das relações motivadas por contextos manifestos e expostos à diferença sexual. No entanto, o gênero não

é necessariamente o que visivelmente percebemos como masculino e feminino, mas o que construímos, sentimos e conquistamos durante as relações sociais. Então, é na problematização do sexo que começam os problemas relativos a essa temática, pois o gênero se constrói na relação com a diferença; e essa não necessariamente deverá ser biológica. (FLEURI, 2003, pp. 27-28).

Até pouco tempo a família, a escola, as igrejas, a política, a justiça e as instituições médicas eram as grandes responsáveis pelo processo construtivo do gênero e da sexualidade. Essas instituições sociais ensinavam e orientavam nossa maneira de nos comportar de acordo com o sexo de forma absoluta, sem questionar.

A construção dos gêneros e das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinuam-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais. É um processo minucioso, sutil, sempre inacabado. (LOURO, 2008, p. 18).

Atualmente, observamos que as tecnologias, as mídias, as redes sociais, os blogs, os sites de relacionamentos, os meios de comunicação (revistas, filmes, televisão, cinema), dentre outros, estão influenciando nos hábitos, no pensamento e comportamentos dos indivíduos através das sugestões e aconselhamentos. Essas instituições sociais sugerem-nos como nos vestir ou não, alimentar-se corretamente, andar, comportar-se diante de uma entrevista de trabalho e manter-se nele, dicas de como conquistar e manter um relacionamento amoroso ou familiar, enfim, uma infinidade de aconselhamentos contribuindo também para construção da identidade do indivíduo.

Paechter (2009) diz que a construção da identidade do indivíduo dar-se por meio de uma comunidade de prática, no sentido de que os membros se engajam em uma prática compartilhada, o indivíduo apreende as práticas sociais, os comportamentos, as relações que permeiam a comunidade.

Os indivíduos, quando pequenos, vão aprender por meio da observação dos mais velhos comportamentos e ações característicos da masculinidade ou da feminilidade. Os meninos aprendem com os homens adultos a se comportar e agir de acordo com os padrões exigidos. Assim também acontece com as meninas que aprendem com as mulheres adultas a ter comportamentos e a desempenhar atividades típicas do universo feminino.

Uma comunidade de prática é dessa forma, um lugar em que e por meio do qual os indivíduos desenvolvem suas identidades em relação tanto a outros membros da comunidade quanto aos membros de outras comunidades. Esse

lugar é onde os indivíduos desenvolvem a compreensão do que representa fazer parte da identidade da comunidade em termos de práticas associadas a ela. (PAECHTER, 2009, pp.17-18).

É nas relações que estabelecemos com o outro que nossa identidade grupal ou individual é construída, que compreendemos o que é ser homem ou mulher, o que se espera de nós, quem somos, como devemos agir e nossas expectativas para o futuro.

2.3 As representações

As relações humanas em sociedade são permeadas por representações e identidades sociais, conceitos estes que possuem papéis primordiais nas conjunturas da sociedade. Fazendo uma referência à etimologia da palavra “representação”, sabemos que a mesma tem origem no latim, no termo *repraesentare* – fazer presente ou apresentar de novo. Representações são instrumentos que os indivíduos utilizam para expressar suas subjetividades nos campos sociais.

Ao longo do tempo, os sujeitos utilizaram de representações para expressarem pensamentos, pontos de vista e modos de ser em diferentes contextos e realidades ao longo das décadas. Para Chartier (1991), as práticas são criadoras de usos e representações.

Uma dupla via abre-se assim: uma que pensa a construção das identidades sociais como resultando sempre de uma relação de força entre as representações impostas pelos que detêm o poder de classificar e de nomear e a definição, de aceitação ou de resistência, que cada comunidade produz de si mesma; outra que considera o recorte social objetivado como a tradução do crédito conferido à representação que cada grupo dá de si mesmo, logo a sua capacidade de fazer reconhecer sua existência a partir de uma demonstração de unidade. (CHARTIER, 1991, p. 183).

Notamos que tais conceitos podem ser observados em dois pontos de vista: as representações que são impostas e aquelas que os grupos sociais de onde são originárias buscam representar e fazer conhecer na sociedade. Ambos podem ocorrer concomitantemente ou isoladas. Os grupos buscam a universalidade das representações, mas são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam, impondo o poder e a dominação no processo de legitimação.

Entendemos que os indivíduos que participam de grupos ou comunidades sociais possuem representações próprias que se somam às do grupo e podem apenas aceitar as representações que a sociedade lhes impele ou defenderem as suas identidades e representações originárias.

As representações sociais desempenham a função de orientar e organizar as condutas comportamentais de acordo com o sistema de interpretação da relação que o indivíduo estabelece com o mundo. É constituída desde a infância quando aprendemos com nossos pais a conhecer e aprender o mundo através das relações que estabelecemos entre as pessoas e a medida que vamos crescendo adquirimos novos conhecimentos, valores, normas, costumes, e hábitos. Contudo, o que cada um constrói e aprende em seu ambiente familiar, em seu ambiente interior e em seu ambiente social proporciona o nascimento de um novo universo de conhecimentos que são captados e objetivados para ser logo depois interpretados.

2.4 O gênero nos filmes da Disney

Os desenhos animados da Disney encantam a todos por transmitirem mensagens de valor, com suas narrativas baseadas nos contos de fadas, nas lendas e nas histórias mitológicas conhecidas por todos, tais como Branca de Neve, Cinderela, Aladim, Mulan, Hércules, dentre outras. Um exemplo disso são os filmes com histórias de princesas que conquistam o público e atraem pessoas de todas as classes sociais. Estas, por sua vez, internalizam em suas perspectivas de vida, valores vistos nos filmes, transformando-os em objetivos a serem alcançados. Isso ocorre, muitas vezes, de modo involuntário, a partir de uma consciência construída e repassada socialmente.

As narrativas transmitem um estereótipo de perfeição, seja no cenário, nas músicas, nos personagens e nos finais felizes, repassando, assim, uma ideia de inocência. Porém, engana-se quem pensa dessa forma. Por trás de todo encanto desses desenhos esconde-se uma transmissão e reforço de modelos femininos e masculinos, ditos patriarcais, presentes em nossa sociedade.

Muito embora, apresentem as contradições acima referidas, por não exibirem enredos com cenas de sexo ou violência, os filmes de animação podem ser vistos sem a supervisão dos pais ou responsáveis, transmitindo uma imagem de pureza e inocência.

A aparência de aventura feliz e inocência infantil, embora atraente encobre, neste caso, um universo cultural amplamente conservador em seus valores, colonial em sua produção de diferenças raciais e classe média em sua descrição dos valores de família. (GIROUX, 1995, p. 140).

Ao propagar no imaginário das pessoas a ideia de inocência, os filmes de animação passam despercebidos pelo olhar dos pais, que permitem que os filhos os assistam. Por trás dos desenhos estão inseridos outros temas como a desigualdade de classes, de gêneros, dentre

outros. Cavalcanti (2008) destaca que os desenhos animados são apresentados aos pais como puros e desinteressados, sendo assistidos pelas crianças sem a supervisão de um adulto. Os desenhos transmitem, além da superação dos problemas e das diferenças através do amor, valores compartilhados pela sociedade, o comportamento, a forma de pensar e agir das classes dominantes. Também são reforçadas as atitudes, as ações e as qualidades esperadas entre os sexos.

Os papéis femininos observados nos desenhos da Disney não possuem grandes destaques sociais nos enredos das animações. As jovens e mulheres são, na grande maioria, princesas – Branca de Neve, Aurora, Ariel, Jasmine, Merida –, futuras princesas – Cinderela, Bela –, mães, madrastas (sempre más), serviçais compondo o universo mágico, bruxas ou fadas.

A mãe não possui grande destaque nos enredos, algumas são mencionadas pelas personagens na infância, são descritas como belas, amorosas, carinhosas e submissas a seus maridos. Em Mulan, a mãe está presente e juntamente com a avó da personagem instrui a personagem a se comportar e vestir-se de forma adequada para encontrar um noivo e honrar a família, pois Mulan demonstra ser desajeitada e não se preocupar com o casamento.

As madrastas dos contos infantis são apresentadas como mulheres más, ambiciosas e invejosas. A madrasta de Cinderela ascende a uma posição social mais elevada através de um possível casamento de uma de suas filhas, maltrata a sua enteada submetendo-a aos trabalhos domésticos contra sua vontade. A madrasta de Branca de Neve governa o reino, mas por inveja da beleza da enteada encomenda a sua morte, obrigando-a a fugir, se refugiar na casa dos anões e se dedicar aos afazeres domésticos. Uma jovem nobre se dedicando a tais serviços, desprestigiados pela sociedade, não é algo comum nos filmes, os mesmos sempre mostram os serviços domésticos como atividades de mulheres de baixas condições econômicas,

Nas narrativas há, ainda, a presença de bruxas, observando que estas possuem a aparência assustadora e feia, são más e sentem prazer em espalhar maldade e fazer as pessoas sofrerem através de suas feitiçarias. Em contrapartida, as fadas surgem para reverter a maldade, como no conto da Cinderela – ajudando-a a se arrumar e chegar até ao baile – e as fadas da Bela Adormecida que tentam desfazer a maldição lançada pela bruxa.

O perfil traçado para as princesas ou as futuras princesas são sempre os mesmos: jovens, belas, meigas, carinhosas, bondosas e obedientes, ideal de mulher para o casamento. Algumas até demonstram rebeldia, porém, nunca ao ponto de liderar um levante, por exemplo, por menor que seja. Ariel demonstra certa rebeldia contra o pai, pois deseja se

aventurar em alto mar, por amor, com um homem mais pobre e sem título. Jasmine se rebela contra o pai por decidir defender um casamento baseado no amor.

Outros personagens femininos encontrados nos contos são serviçais felizes e conformados com a situação, estão sempre desempenhando atividades domésticas, sentindo muito orgulho, enfatizando a diferença de classes.

As músicas e os diálogos presentes nos contos reforçam os atributos necessários para uma garota Disney tornar-se ideal para conquistar um marido. No conto “A pequena sereia”, constantemente, escutamos o crustáceo Sebastião e a bruxa Úrsula referir-se a Ariel com palavras no diminutivo e palavras depreciativas, como “bela garotinha” e “menina maluca”. Essa nomeação indica para o público que Ariel é bem jovem e inexperiente, estas são referências depreciativas à personagem. Ao contrário de Úrsula que demonstra maturidade e experiência devido à idade mais avançada.

Na canção “Corações infelizes”, cantada pela bruxa Úrsula, são apontadas as qualidades ideais para conquistar um homem.

O homem abomina tagarela
Garota caladinha ele adora
Se a mulher fica falando
O dia inteiro fofocando
Homem se zanga, diz adeus e vai embora.

Não vá querer jogar conversa fora
Que os homens fazem de tudo pra evitar
Sabe quem é a mais querida?
É a garota retraída
E só as bem quietinhas vão se casar. (RAEL, 2010, p. 164).

Nesse trecho da música, Úrsula mostra qual seria o comportamento desejado pelos homens. Segundo os versos acima, eles não apreciam mulheres que falam muito, fazem fofocas e conversam assuntos que sejam do seu interesse. Observamos essa conduta no dia-a-dia, nas queixas que os homens fazem, sinalizando para a visão pejorativa do ato de conversar, discutir as relações, etc. Não devem, ainda, focar-se em assuntos como moda, maquiagem e lar, estes que são desinteressantes eles. A bruxa acrescenta que apenas as garotas quietas e retraídas conseguirão se casar e as meninas “aventureiras” e questionadoras não conseguirão.

No filme “A Bela e a Fera”, encontramos a mudança de comportamento e de atitudes da Fera a partir do convívio com Bela. A Fera passa a ter etiqueta à mesa, usar talheres e vestir-se de forma elegante, devido aos ensinamentos impostos por Bela e também pela

docilidade apresentados pela protagonista. O trecho da canção “Alguma coisa aconteceu” cantada por Bela diz:

Ele foi bem e delicado
 Mas era mau
 E era tão mal educado
 Foi tão cortês
 Por que será que não notei nenhuma vez
 [...]
 Como ele está mudado
 Claro que está longe de ser o príncipe encantado
 Mas algum encanto ele tem
 Eu posso ver. (RAEL, 2010, p. 166).

O trecho acima mostra a percepção de Bela com relação às mudanças comportamentais da Fera, bem como o grande potencial para transformá-lo em um príncipe, como ser gentil, cortês e possuir boas maneiras. Bela opera uma mudança não apenas no comportamento do príncipe, mas também no castelo todo. As cores sombrias do castelo ganham um aspecto mais colorido e passarinhos voltam a transitar no pátio. A presença feminina traz brilho e colorido ao ambiente e auxilia em diversas modificações no castelo e na Fera, ressaltando que a mulher possui um olhar aguçado em diversos assuntos e não apenas em ser uma boa esposa ou doméstica infalível. A própria Bela, no decorrer do conto, também sofre modificações, suas roupas tornam-se mais sofisticadas para combinar com o ambiente luxuoso do castelo.

Um exemplo de ideal feminino no filme de animação *Mulan* é evidenciado na fala da própria personagem, quando esta escrever as qualidades femininas como calma, reservada, graciosa, educada, refinada e pontual, devendo ter esses adjetivos no braço para não esquecer, quando fosse ter aula com a casamenteira, para se tronar uma boa noiva.

O grupo de soldados canta uma melodia que expressa o lugar da mulher no contexto social ao qual estão inseridas as personagens femininas e evidência as qualidades das mulheres, como mostra o trecho da música “Alguém para quem voltar”.

[...]
 Sua pele é branca como a lua
 Estrelas no olhar
 Mostrar a ela meu poder
 Feridas para cuidar
 Eu não me importo com que veste ou com beleza
 Mas se cozinha com destreza

[...]
 Minha garota é demais
 Com ela eu sou o tal.
 Mulan diz:
 É, as se ela o cérebro usar
 Vai ser maioral?
 Os soldados em conjunto respondem:
 -Não!!! (MULAN, 1998).

Quando os soldados na música dizem que “sua pele é branca como a lua”, referem-se às características físicas da mulher apreciadas pela cultura oriental: quanto mais branca for a pele, mais bela ela é considerada. O poder que os homens falam no texto é relacionado à honra em servir ao exército chinês. Os soldados não se importam tanto com a beleza ou as roupas femininas, mas com o cuidado que devem ter em tratar de seus ferimentos e dos afazeres domésticos, pois os papéis sociais desempenhados pelos indivíduos são bem definidos: aos homens são reservadas as obrigações de participar da guerra e às mulheres os cuidados com a casa, os filhos e o marido. Mulan defende que se a mulher usar sua inteligência ela pode conquistar o que desejar, mas não para os homens, pois apenas os afazeres domésticos podem conquistá-los verdadeiramente.

Os personagens masculinos apresentam sempre as mesmas características: corajosos, inteligentes, fortes, viris, honrados e bonitos – mesmo a Fera, ao se transformar em um belo príncipe. Os personagens sempre são motivados por um objetivo ligado à sua posição social: como governar um reino, ascender socialmente, ser amado e aclamado pelo seu povo, etc. O amor surge no percurso dessa busca, ao contrário do que acontece com as personagens femininas, que são motivadas pelo amor, seja por um homem ou pela figura paterna.

No filme *A Bela e a Fera*, a personagem principal aceita ser prisioneira da Fera em troca da liberdade do pai. Mulan também se arrisca a ir para a guerra disfarçada de homem, por temer pela saúde do pai. A sereia Ariel troca sua voz por um par de pernas para se aproximar do seu amado.

Apesar de alguns empecilhos enfrentados pelas princesas da Disney, elas sempre conseguem atingir os seus objetivos principais, bem como os príncipes, que também alcançam os seus ideais, ambos terminando os filmes com um final feliz, casando e sendo felizes para sempre, o que configura um ponto em comum na maioria dos contos de fadas tradicionais.

O filme *Mulan* aparenta romper com o perfil traçado anteriormente para as princesas da Disney. Mulan é uma jovem que não possui habilidades para o manejo de uma casa, bem como atributos femininos comuns em outros filmes infantis, para atrair um marido e tornar-se uma boa esposa. Porém, o filme enfatiza que por possuir qualidades masculinas, dificilmente

encontrará um bom marido e conseqüentemente trará desonra para a família, visto que o destino das mulheres é tornarem-se domésticas, mães e esposas. Quando se descobre que Mulan na verdade é uma mulher, sua vida é poupada apenas por ter conseguido salvar seus companheiros com a condição de, ao terminar a missão, retornar para sua família.

Não é oferecida a Mulan outra oportunidade de trilhar uma carreira como oficial dentro do exército, mas de conselheira. Ao voltar para casa, a protagonista continua a enfrentar o drama do início, adquirir qualidades para tornar-se boa esposa, sendo salva do destino de tornar-se uma solteirona pelo capitão (melhor partido) que a pede em casamento.

Pode-se aprender com a história de Mulan que mesmo possuindo habilidades consideradas femininas e conseguir ser reconhecida em um âmbito que não seja na esfera doméstica, só será plena quando encontrar o amor, mas para isto precisam conservar as qualidades consideradas femininas reforçadas nos filmes. Não há incentivo para as meninas em ter uma carreira na qual elas possam ascender socialmente pelo seu esforço intelectual, poucas personagens Disney aparentam saber ler, só o casamento com um homem rico pode lhes garantir isso.

3 - CAPÍTULO III: METODOLOGIA

3.1 O professor como investigador da sua prática pedagógica

A nossa sociedade passou por inúmeras transformações impostas pelo sistema capitalista. Tais transformações afetaram diretamente a educação, impuseram mudanças no relacionamento professor/aluno, como também no processo de ensino-aprendizagem, exigindo do professor uma constante reflexão da sua prática pedagógica.

A prática pedagógica deixa de basear-se no professor transmissor de conhecimentos e no aluno receptor, exige uma postura mais reflexiva do docente, com o objetivo de fornecer-lhe informações sobre a sua ação e as consequências dela. Os professores preocupados com a essa reflexão estão engajados num contínuo processo investigativo, buscando compreender melhor a sua prática profissional e melhorar o seu desempenho proporcionando a aprendizagem de seus alunos em parâmetros mais renomados.

O trabalho docente deve ser permeado pela ação e reflexão do professor e, através desse processo, poderá repensar e recriar a sua prática de sala de aula. O ato de vivenciar essa reflexão é algo essencial para a melhoria e adaptação do processo de ensino à realidade do alunado. Nóvoa (2001, s.n.), em resposta à pergunta que lhe foi feita em uma entrevista concedida a TVE Brasil, faz a seguinte colocação:

Qual a relação entre professor pesquisador e professor reflexivo?

O professor pesquisador e o professor reflexivo, no fundo, correspondem a correntes (conceitos) diferentes para dizer a mesma coisa. São nomes distintos, maneiras diferentes dos teóricos da literatura pedagógica abordarem uma mesma realidade. A realidade é que o professor pesquisador é aquele que pesquisa ou que reflete sobre a sua prática. Portanto, aqui estamos dentro do paradigma do professor reflexivo. É evidente que podemos encontrar dezenas de textos para explicar a diferença entre esses conceitos, mas creio que, no fundo, no fundo, eles fazem parte de um mesmo movimento de preocupação com um professor que é um professor indagador, que é um professor que assume a sua própria realidade escolar como um objeto de pesquisa, como objeto de reflexão, como objeto de análise.

O professor, na visão de Nóvoa, é um pesquisador, questionador de sua realidade em sala de aula, esta que se transforma em seu principal objeto de pesquisa e reflexão.

Realmente não posso conceber um professor que não se questione sobre as razões subjacentes às suas decisões educativas, que não se questione perante o insucesso de alguns alunos, que não faça dos seus planos de aula meras hipóteses de trabalho a confirmar ou infirmar no laboratório que é a sala de

aula, que não leia criticamente os manuais ou as propostas didáticas que lhe são feitas, que não se questione sobre as funções da escola e sobre se elas estão a ser realizadas. (ALARCÃO, 2001, p. 6).

Para o referido autor (*ibidem*), é impossível que se pense em um professor que não questione e reflita sobre sua prática docente, que não repense sua função como educador, como integrante do corpo docente da escola que trabalha e não se veja como mediador de conhecimento. É através da observação, do questionamento e da reflexão de sua prática que o professor poderá rever suas metodologias de trabalho e buscar adaptá-las para alcançar êxito na formação intelectual de seus alunos.

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo, educo e me educo. Pesquiso para conhecer e o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (FREIRE, 1996, p. 16).

É essencial que o professor seja um pesquisador, indague e questione para que, conhecendo a realidade de suas práticas educativas, possa intervir nesse processo, este que deve ser um ciclo constante no trabalho docente.

Para uma investigação eficaz é necessário que o professor disponha de tempo para refletir sobre as teorias de ensino aplicadas e se elas estão sendo realmente colocadas em prática. É importante avaliar a compatibilidade ou incompatibilidade da teoria defendida e do que está sendo trabalhado em sala de aula, como também sua adequação ao contexto escolar em que os alunos estão inseridos.

Para Zeichner (1993), um professor reflexivo é o profissional da educação que busca compreender e melhorar sua própria prática. Para o autor, a melhoria do ensino tem início na pesquisa/reflexão, nas experiências vivenciadas na prática de sua própria sala de aula. Segundo ele, os professores devem buscar na ação pesquisa/reflexão um instrumento para que aprendam, ensinem e se renovem os conhecimentos seus e de seus alunos durante suas caminhadas profissionais como docentes.

No decorrer da minha prática docente percebi o quanto é importante a reflexão da prática docente para o desenvolvimento do trabalho pedagógico com os alunos. Não devemos nos acomodar com a nossa prática, ou seja, julgá-la perfeita e concluída, sem a possibilidade de aprimoramento. Ela está sempre se aperfeiçoando na leitura de teorias, trocando experiências e informações com outros profissionais da área educacional, observando a

aprendizagem dos alunos a fim de contribuir para o processo de ensino-aprendizagem dos alunos, dentre outras ações.

3.2 A abordagem da pesquisa, coleta e organização de dados

No encaminhamento do processo investigativo e construção desta pesquisa, optamos por ela ser de natureza qualitativa e etnográfica, conforme vemos na descrição abaixo.

[...] é o que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam. Embora já tenham sido usadas para estudos de aglomerados de grandes dimensões (IBGE, 1976; PARÇA NINA *et.al* 1985), as abordagens qualitativas se conformam melhor a investigações de grupos e segmentos delimitados e focalizados, de histórias sociais sob a ótica dos atores, de relações e para análises de discursos e de documentos. (MINAYO, 2012, p. 57).

A pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, crenças, motivos, aspirações, valores e atitudes, procurando o aprofundamento dos significados das ações e relações humanas. Sendo assim, oportuniza ao investigador o estudo minucioso da organização social, dos artefatos produzidos pelos membros, sua maneira de pensar, agir e viver em sociedade.

A definição de pesquisa qualitativa como instrumento de análise das relações e representações entre grupos sociais em suas relações, suas opiniões e construções, nos remete ao espaço escolar, espaço este marcado por trocas culturais nas relações entre os sujeitos. Por etnografia, temos a seguinte definição:

Etnografia é também conhecida como: observação participante, pesquisa interpretativa, pesquisa hermenêutica, dentre outras. Compreende o estudo, pela observação direta e por um período de tempo, das formas costumeiras de viver de um grupo particular de pessoas: um grupo de pessoas associadas de alguma maneira, uma unidade social representativa para estudo, seja ela formada por poucos ou muitos elementos, por exemplo: uma escola toda ou um grupo de estudo em uma determinada sala de aula. [...] Em etnografia, holisticamente, observa-se os modos como esses grupos sociais ou pessoas conduzem suas vidas com o objetivo de revelar o significado cotidiano, nos quais as pessoas agem. O objetivo é documentar, monitorar, encontrar o significado da ação. (MATTOS, 2011, p.51).

A etnografia procura obter a descrição mais completa possível sobre as ações e o significado que o grupo faz sobre suas ações, observa os grupos, suas relações sociais e

possibilita ao pesquisador, segundo o autor, documentar, monitorar e significar ações dos indivíduos que observa.

A etnografia é um esquema de pesquisa desenvolvida pelos antropólogos para estudar a cultura e a sociedade. Etimologicamente etnografia significa “descrição cultural”. Para os antropólogos o termo tem dois sentidos. Um conjunto de técnicas que eles usam para coletar dados sobre valores, os hábitos, as crenças, as práticas e os comportamentos de um grupo social e um relato escrito resultante do emprego dessas técnicas. (ANDRÉ, 2008, p. 27).

A etnografia como instrumento de pesquisa e coleta de dados permite ao pesquisador estudar costumes, comportamentos e características de um determinado grupo social. Durante a reflexão, o pesquisador se debruça sobre os dados, analisa e relata o que observou. A pesquisa teve o diário de campo como fonte de reflexão e norteamento, de simbolismos e significações, o que contribuiu com todo o processo de análise das informações obtidas em campo.

Além de ser utilizado como instrumento reflexivo para o pesquisador, o gênero diário é, em geral, utilizado como forma de conhecer o vivido dos atores pesquisados, quando a problemática da pesquisa aponta para a apreensão dos significados que os atores sociais dão à situação vivida. O diário é um dispositivo na investigação, pelo seu caráter subjetivo, intimista. (MACEDO, 2010, p. 134).

O diário de campo permite que o olhar do professor como pesquisador se amplie e tenha condições de repensar sua pesquisa e enxergar dados muitas vezes implícitos. Esse processo permite ao pesquisador analisar a pesquisa a partir das ferramentas necessárias para observar detalhes que, em um primeiro momento, não foram vistos. Sendo assim, o uso do diário de campo para subsidiar a pesquisa, registrando a descrição do lugar dela, dos alunos, as impressões percebidas referentes ao filme, etc. Foi anotado, ainda no diário, o processo de como foi trabalhado na sala de aula a temática a partir do filme Mulan.

A investigação desta pesquisa monográfica foi realizada na escola privada Edsônia Maria Florêncio - Instituto Criança Esperança, na Cidade de Campina Grande – PB, na sala de aula do 5º ano em que atuo. Participaram da pesquisa onze alunos na faixa etária de 9 a 12 anos de idade. Foram elaborados cinco instrumentais para coleta de dados com o objetivo de analisar as representações de gênero entre os alunos.

Para coletar os dados necessários para compor a investigação, contamos como aporte principal com o filme de “Mulan”, assim como as questões investigativas sobre a percepção

de gênero dos alunos e as Histórias em quadrinhos, estes que fizeram os alunos, através dos desenhos, exemplificarem situações reais de diferenciação dos papéis entre os sexos.

A primeira estratégia de coleta de dados realizada após trabalhar o filme “Mulan” consistiu no preenchimento de características que se deram a partir da visão dos alunos, às meninas e aos meninos, devido a um cartaz contendo dezesseis palavras adjetivas. Os alunos teriam de selecionar as que consideravam de menina ou de menino e colocar abaixo da figura de Mulan (caracterizada de menina) e a outra da personagem caracterizada de soldado (representando os meninos).

A segunda estratégia de coleta de dados consistia na observação de imagens em três cenas da personagem Mulan (escrevendo a cola no braço, tomando banho e servindo o chá no teste da casamenteira) e escrever comentários expressando suas opiniões.

A terceira estratégia de coleta de dados versava sobre a escrita de comentários a partir de duas imagens da personagem em duas cenas diferentes. Na quarta estratégia de coleta de dados, voltamos a assistir o trecho do filme em que passava a canção “Alguém pra quem voltar”, cantada pelos soldados e por Mulan. Em seguida, os alunos sublinharam na letra as qualidades que uma boa esposa deveria possuir na opinião de alguns soldados e a segunda proposta era comentar a frase: “É, mas se ela o cérebro usar vai ser a maioral?”, cantada por Mulan. E, por último, foi solicitada aos alunos a construção de uma História em Quadrinhos (HQs) de uma situação cotidiana em que eles percebam a distinção entre os papéis femininos e masculinos.

Na análise dos dados, optamos pela preservação do anonimato dos alunos, criando nomes fictícios, pseudônimos, sob a preocupação de preservá-los, porém a idade e o sexo foram demonstrados conforme a realidade, como mostra a tabela abaixo, além das atividades realizadas.

Tabela 1: Nomes Fictícios dos alunos do 5º ano.

Nome Fictício	Idades	Atividade 1	Atividade 2	Atividade 3	Atividade 4	Atividade 5
Leonardo	12 anos	F	X	X	X	X
Sofya	9 anos	X	X	X	X	X
Roberto	9 anos	X	X	X	X	X
Pedro	9 anos	X	X	F	X	X
Arnaldo	10 anos	X	F	X	F	X
Geraldo	10 anos	X	F	X	F	X
Amanda	10 anos	X	F	F	F	X
Carlos	11 anos	X	X	F	X	X
Cássia	10 anos	X	F	X	X	X
Jéssica	10 anos	X	X	X	X	X
Renata	10 anos	X	X	X	X	X

Para analisar as respostas, fizemos primeiramente uma leitura superficial à medida que iam entregando as atividades. Depois, foi realizada uma releitura de atividade por atividade, separando as respostas mais parecidas das mais diferentes. Após isso, fizemos uma correlação entre as respostas dos alunos. Na primeira e na segunda estratégia de coleta de dados analisamos as dez respostas dadas pelos alunos; na terceira e na quarta estratégia de coleta de dados, analisamos as oito respostas dos alunos presentes.

A análise das HQs ocorreu da mesma forma que as demais estratégias de coleta de dados. Foram realizadas leituras das onze produções dos alunos. À medida que iam entregando, pedia que fossem lidas e perguntava se havia gostado. Em seguida, foram separadas por categoria: a distinção dos papéis de gênero nas brincadeiras, com seis produções; nas profissões, com quatro e uma sobre a inserção no mercado de trabalho.

3.3 Campo de investigação

A pesquisa foi desenvolvida na Instituição Escolar Edsônia Maria Florêncio - Instituto Criança Esperança, localizada na Rua Raimundo Silva Ribeiro, nº 356, Bairro Jardim Paulistano, na cidade de Campina Grande- PB.

A Instituição de ensino foi inaugurada no mês de janeiro de 1996. Recebeu a denominação Criança Esperança em homenagem ao programa de televisão “Criança Esperança”, exibido pela Rede Globo de Telecomunicações. Inicialmente, a escola atendia apenas a Educação Infantil, com o passar dos anos o número de alunos foi aumentando e a instituição passou a atender os alunos do Ensino Fundamental I.

A Instituição de Ensino localiza-se numa rua asfaltada, porém, o acesso é um pouco confuso, pois alguns taxistas e mototaxistas sentem dificuldade em localizar a rua. Há por

perto alguns estabelecimentos comerciais, como mercadinho, padaria, oficinas mecânicas e restaurantes *self-service*. Com relação ao nível socioeconômico dos pais, são em sua maioria de classe média, pois parte deles trabalha em estabelecimentos comerciais e nas fábricas. A escola tem como missão fornecer ao alunado subsídios para formação de leitores críticos. Para tanto, os professores focam no ensino da leitura e escrita, como também no desenvolvimento da consciência crítica dos alunos. A escola é bastante procurada devido ao bom desempenho dos alunos na seleção de bolsas de estudo em instituições escolares do Fundamental II.

A Escola funciona em dois horários: manhã das 7h00 às 11h00h, atendendo em 2018 as turmas do Infantil II, Infantil III, Infantil V; as turmas do Fundamental I: 1º ano, 3º ano e 5º ano. No período da tarde, funciona das 13h00 às 15h00h, com as turmas do Infantil II, Infantil III, Infantil IV, Infantil V, 1º ano, 2º ano e 4º ano. Estão matriculados 172 alunos, sendo 56 pela manhã e 116 pela tarde.

A instituição escolar conta com duas unidades, ambas na mesma rua. Apesar de funcionar com duas unidades, as instalações físicas são bastante pequenas. A unidade I possui cinco salas de aulas, dois banheiros, um pátio coberto com uma casinha de madeira e brinquedo com escorrego, uma cantina e uma diretoria, todos os cômodos são bem pequenos. A unidade II possui quatro salas, dois banheiros, uma cozinha, um pátio com dois velocípedes, uma casinha para escalar, uma piscina de bolinha, uma diretoria e também um almoxarifado, onde são guardados os materiais de escritório. Como a pesquisa foi desenvolvida na unidade I, farei a descrição mais detalhada da mesma.

A unidade I atende aos alunos matriculados no Ensino Fundamental I. As cinco salas são bem organizadas com prateleiras, onde são colocados os materiais dos alunos, as paredes das salas são revestidas até a metade por cerâmica azul e o restante das paredes é pintado com a cor branca e decorado com enfeites em EVA. O piso é revestido por cimento queimado.

A escola não possui biblioteca, sala de leitura, laboratório de informática e de ciências, quadra de esportes e sala de AEE (destinada aos alunos com necessidades especiais), como também não possui alunos com necessidades especiais, alguns apenas apresentam problemas de aprendizagem.

O quadro de funcionários é composto por nove educadoras, uma coordenadora e a diretora. Sendo uma educadora com formação superior, uma em formação superior e as demais com o Curso Normal Pedagógico.

Quanto ao Projeto Político Pedagógico (PPP), foi informado que está passando por um processo de atualização por uma equipe e não se encontra disponível para consulta na escola. Estaria disponível apenas quando fosse revisado e aprovado pela Secretaria Municipal de

Educação. O trabalho pedagógico é desenvolvido por temas geradores, procurando adaptar os conteúdos contidos no livro didático (trabalhamos com a coleção Sucesso – Sistema de Ensino).

O planejamento escolar é realizado de acordo com o tema a ser desenvolvido. Há a realização de comemoração de datas comemorativas como Páscoa, Dia do Índio, Dia do Livro, Dia das Mães, entre outros. A escola conta com a participação dos professores e da coordenadora.

4.4 Análise dos dados

Os dados utilizados na pesquisa foram coletados no período de 03 de maio a 11 de maio de 2018, com os alunos do 5º ano (turma única) do turno da manhã, do Ensino Fundamental I, do Instituto Criança Esperança, partindo da percepção dos alunos sobre a questão de gênero, articulando com o cinema de animação e incentivando a discussão sobre a temática com os mesmos.

Ao iniciar a coleta de dados, utilizamos como recurso didático-pedagógico o filme de Mulan, direção de Tony Bancroft e Barry Cook, de 1998. Estavam presentes os onze alunos da turma. A exibição do filme não ocorreu na própria sala dos alunos, mas em uma sala do Infantil onde estava instalada a televisão e o aparelho de DVD.

Antes da exibição do filme foi mostrada a capa do mesmo e perguntado quem já havia assistido. Três crianças do sexo masculino se manifestaram fazendo sinal positivo. Questionamos sobre o fato de terem gostado ou se lembravam do filme: um aluno respondeu que não lembrava bem, o segundo respondeu que “não tinha gostado”. Ao ser questionado sobre isso, o mesmo disse que “não sabia responder”. O terceiro aluno se mostrou entusiasmado ao relatar como se lembrava do filme, comentou que relatava a história de uma menina guerreira, que possuía um dragão, bem como que o filme é muito divertido, despertando o interesse dos demais colegas.

Os demais alunos ficaram bastante curiosos e pediram para que fosse contado um resumo do filme de Mulan. Então, relatamos para os mesmos que se tratava de uma produção da Disney, do ano de 1998, inspirada por uma lenda chinesa, onde uma jovem muito corajosa colocava sua vida em risco, disfarçando-se de homem, para ser aceita no exército chinês em lugar do seu pai que sofre com problemas de saúde. A retomada da história foi realizada com o intuito de aguçar o interesse e a curiosidade dos alunos.

Solicitamos aos alunos que prestassem atenção em determinadas partes do filme como, por exemplo: “Qual o significado de honra para os homens e as mulheres?”, “Como se comportavam os homens e as mulheres?” “Qual o papel social de cada um na sociedade chinesa?”.

Durante a exibição do filme, percebemos o envolvimento dos alunos através das emoções expressadas, tais como alegria e divertimento nas cenas engraçadas, aflição nos momentos críticos contidos no filme, além de verbalizar as frases seguintes: “Mulan provocou uma confusão”, “o grilo não é da sorte”, “que dragão exibido”, “ela vai provocar uma avalanche”, “Mulan vai ser desmascarada”, “os soldados ficaram engraçados de mulher”.

Imagem 1: Alunos prestando atenção ao filme e às cenas do filme.



Fonte: Pesquisa direta (Maio/2018).

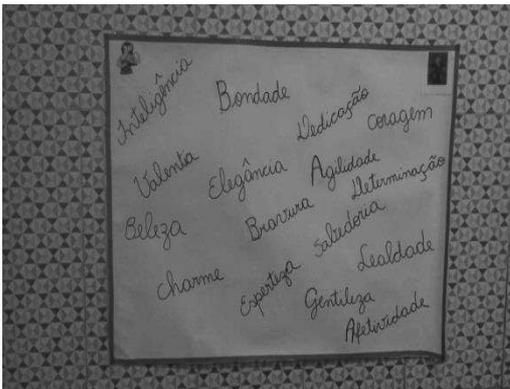
Depois da exibição do filme discorremos sobre algumas questões, tais como: qual é o papel da mulher no contexto social em que se passa o filme? Os alunos responderam: “Devia honrar a família se casando”. (Cássia, 10 anos); “Honrar a família se casando com um homem bom”. (Arnaldo, 10 anos). A segunda pergunta foi: “Qual é o significado de honra para os homens e as mulheres?”, todos responderam: “A mulher era casar e o homem proteger a família e servir na guerra”. Em seguida perguntamos: “Qual é o comportamento esperado de uma mulher?”. Os alunos responderam: “Tinha que ser bonita, educada, pontual”. (Jéssica, 10 anos); “Saber cuidar da casa, educada, inteligente”. (Renata, 10 anos). Na última pergunta, questionamos: “Atualmente, qual é o papel do homem e o da mulher?”. Os alunos responderam: “A mulher hoje casa, estuda e trabalha”. (Pedro, 10 anos). “Algumas mulheres não casam”. (Jéssica, 10 anos). “Mulher faz universidade”. (Carlos, 11 anos). “O homem trabalha em casa”. (Sofya, 10 anos).

Com base nos questionamentos e nas respostas apresentadas pelos alunos, percebemos o quanto eles foram atentos aos pontos que indaguei, prestassem atenção e forneceram respostas bem contundentes ao que foi questionado. Relacionaram o contexto social do filme com o contexto social que eles estão inseridos, identificaram e compararam os papéis sociais de homens e mulheres presentes no filme e em seu meio social.

Nos fez perceber a importância de abordarmos essa temática com os nossos alunos, a fim de levá-los a reflexão acerca do valor de cada um na construção de uma sociedade mais igualitária, como também proporcionar o entendimento de que todos possuem direitos e deveres perante a sociedade e merecem respeito.

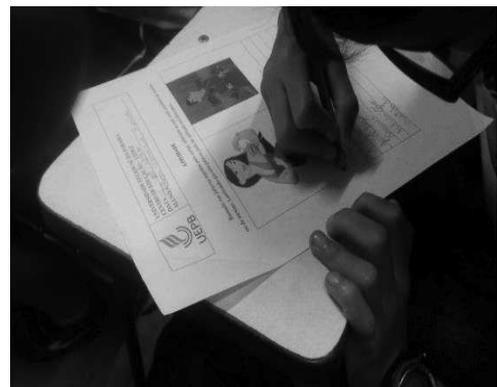
No primeiro instrumento de coleta de dados utilizamos um cartaz contendo dezesseis atributos através dos quais os alunos deveriam preencher uma tabela, selecionando os que consideravam de meninas e de meninos.

Imagem 2: Cartaz com os nomes dos atributos



Fonte: Pesquisa direta (Maio/2018)

Imagem 3: Aluno realizando atividade



Fonte: Pesquisa direta (Maio/2018)

Antes de realizar a atividade, foram lidas todas as palavras e discutido o seu significado para que a mesma fosse realizada por parte dos alunos sem dúvida. Os dez alunos participantes da coleta foram orientados que poderiam usar um atributo tanto para meninas quanto para meninos, por exemplo, o atributo inteligência poderia ser utilizado para designar ambos os sexos. Durante a realização da atividade, alguns alunos perguntaram o significado de algumas palavras como afetividade, charme, agilidade e elegância. Todos os eles foram esclarecidos.

Tabela 2: Atributos relacionados para as meninas e para os meninos entre os alunos do 5º ano.

ATRIBUTOS	MENINAS	MENINOS
Esperteza	6	5
Bondade	10	3
Beleza	9	1
Elegância	9	0
Gentileza	8	2
Charme	8	1
Dedicação	6	3
Afetividade	6	6
Inteligência	6	7
Coragem	3	10
Agilidade	2	9
Bravura	1	10
Determinação	4	6
Sabedoria	5	6
Valentia	1	10
Lealdade	4	3

Pesquisa (MAIO/2018).

Observando a tabela, percebemos que os atributos mais destacados que caracterizam as meninas são: esperteza, bondade, beleza, elegância, gentileza, charme, dedicação, afetividade, inteligência e sabedoria. Os atributos como coragem, agilidade, bravura, determinação, valentia e lealdade receberam menos votos.

Os atributos mais destacados que caracterizam os meninos são: esperteza, afetividade, inteligência, coragem, agilidade, bravura, determinação, sabedoria e valentia, os menos destacados foram: bondade, beleza, elegância, gentileza, charme, dedicação e lealdade, justamente os mais ligados às mulheres.

Da lista dos atributos que caracterizam as meninas, percebemos que a maioria está relacionada às características esperadas pelas mulheres que fazem parte da sociedade que vivemos. O padrão feminino deve contemplar a beleza, a elegância e o charme. As mulheres devem possuir a bondade, a gentileza, a afetividade e a dedicação, atributos esperados para a condução de um lar e para a criação de filhos.

Com relação aos atributos relacionados aos meninos, os que se referem a habilidades físicas foram os mais destacados: coragem, agilidade, inteligência, bravura, pois são esses atributos que a sociedade na qual estamos inseridos espera que os meninos desenvolvam.

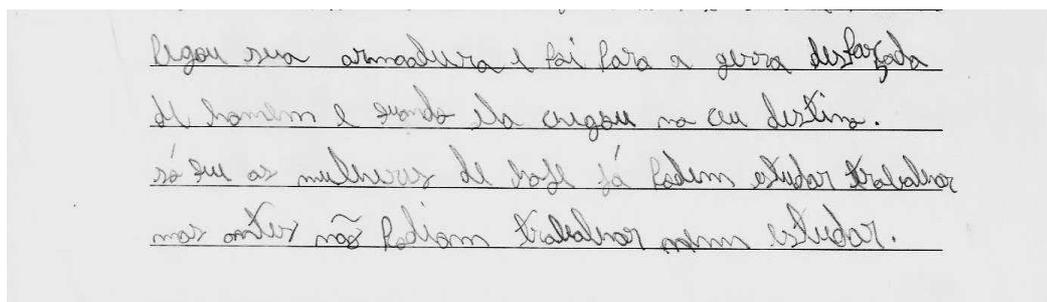
Os comportamentos desenvolvidos, tanto pelos meninos, quanto pelas meninas são construídos socialmente através das relações sociais estabelecidas com os outros, como afirma Fleuri (2003, pp. 27-28): “[...] o gênero não é necessariamente o que visivelmente percebemos como masculino e feminino, mas o que construímos, sentimos e conquistamos durante as relações sociais”.

Na realização do segundo instrumento de coleta de dados contamos com a colaboração de dez alunos. Solicitamos que observassem imagens extraídas do filme de Mulan e escrevessem comentários expressando sua opinião. As cenas continham imagens da personagem escrevendo uma cola sobre as qualidades que uma jovem deveria possuir para passar no teste aplicado pela casamenteira. Na segunda imagem, Mulan está tomando banho em preparação para o teste e na terceira imagem a personagem está demonstrando habilidade em servir um chá.

Antes da realização do instrumento de coleta de dados, discutimos a respeito de cada imagem e os alunos comentaram que a personagem não sabia bem como cuidar de uma casa e alguns falaram que suas mães também não tinham tanta habilidade com o manejo da casa, principalmente na questão do ato de cozinhar e se parecia nesse aspecto com Mulan. Estabeleceram também um comparativo entre a mulher na época de Mulan e na atualidade.

Analisando a atividade 2, proposta aos alunos, notamos que, em sua maioria, as respostas das crianças abordaram a mulher na atualidade em comparação com outras épocas. Segundo os alunos, a mulher atualmente têm direitos iguais aos homens e não se preocupam tanto com o casamento. Como exemplo, temos as imagens a seguir:

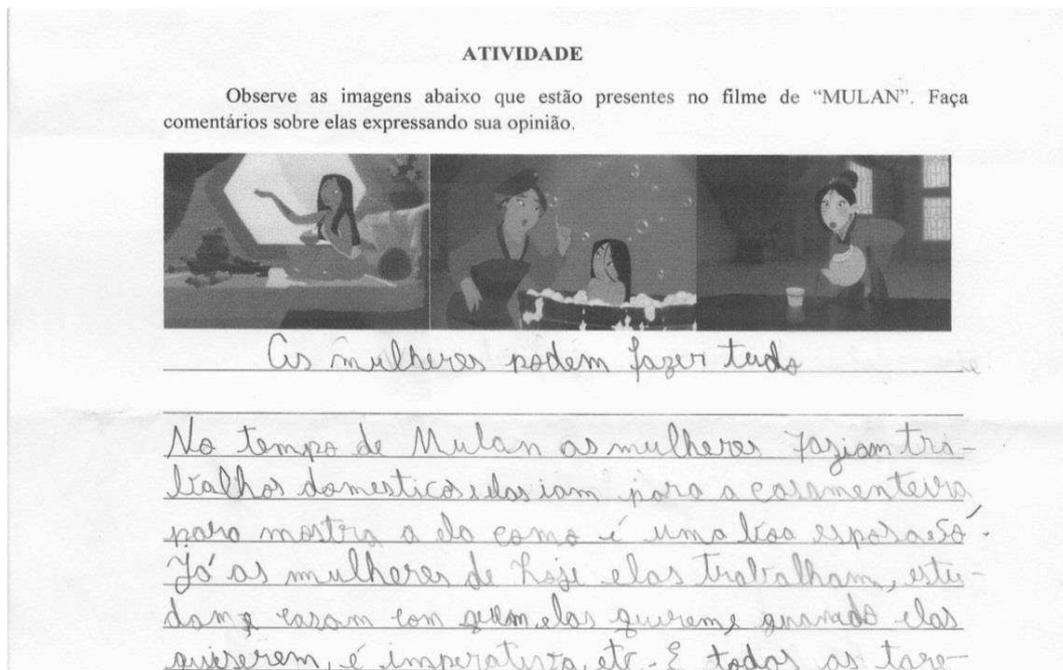
Figura 2: Representa a resposta da primeira atividade do aluno Geraldo (10 anos).



Fonte: Pesquisa direta (Maio/2018).

Na imagem acima vemos a resposta do aluno Geraldo (2018, 10 anos): “Só que as mulheres de hoje já podem estudar trabalhar, mas antes não podiam trabalhar nem estudar”; mostrando que tem consciência que o papel da mulher é outro na atualidade, que em tempos áureos não era dessa forma, mesmo que saibamos que existe ainda um longo caminho na luta pelos direitos e espaço da mulher, outros alunos enfocaram que as mulheres podem ser o que quiserem, como vemos na resposta do aluno abaixo.

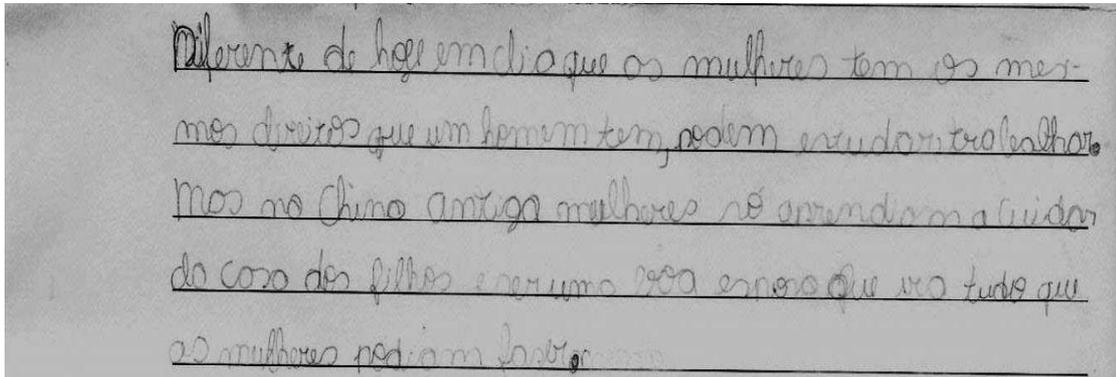
Figura 3: Representa a resposta da primeira atividade do aluno Carlos (10 anos).



Fonte: Pesquisa direta (Maio/2018).

O aluno Carlos (10 anos) afirma que: “No tempo de Mulan as mulheres faziam trabalhos domésticos e elas iam para a casamenteira para mostra (*sic*) a ela como é uma boa esposa e só. Já as mulheres de hoje elas trabalham, estudam e casam com quem elas querem e quando elas quiserem, é imperativa, etc. [...]”. Ao se referir ao “tempo de Mulan” notamos novamente a menção à questão histórica da mulher na sociedade e como as crianças estão atentas a essa ela. Outro aluno retrata esse aspecto:

Figura 4: Representa a resposta da primeira atividade do aluno Pedro (10 anos).



Fonte: Pesquisa direta (Maio/2018).

É importante que a escola e os professores permitam a seus alunos essas reflexões sobre gênero, para que, entendendo os simbolismos que cercam essa discussão, possam repensar lugares sociais e formas de estar no mundo.

Em suas representações sociais, atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, os sujeitos vão se construindo como masculinos ou femininos arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e de estar no mundo. (LOURO, 2010, p. 28).

O terceiro instrumento de coleta de dados consistia em escrever comentários mediante duas imagens representativas de Mulan, uma com a personagem arrumada para a realização do teste com a casamenteira e a segunda com Mulan caracterizada como soldado. Oito alunos responderam à atividade. Como sempre fazíamos, discutimos sobre o comportamento esperado pelas mulheres e pelos homens. Renata (10 anos) diz que: “Mulan escreveu no braço que mulher deveria ser educada, graciosa, pontual”. Amanda concluiu: “Mulan deveria honrar a família arrumando um marido”.

Imagem 5: Aluna realizando atividade

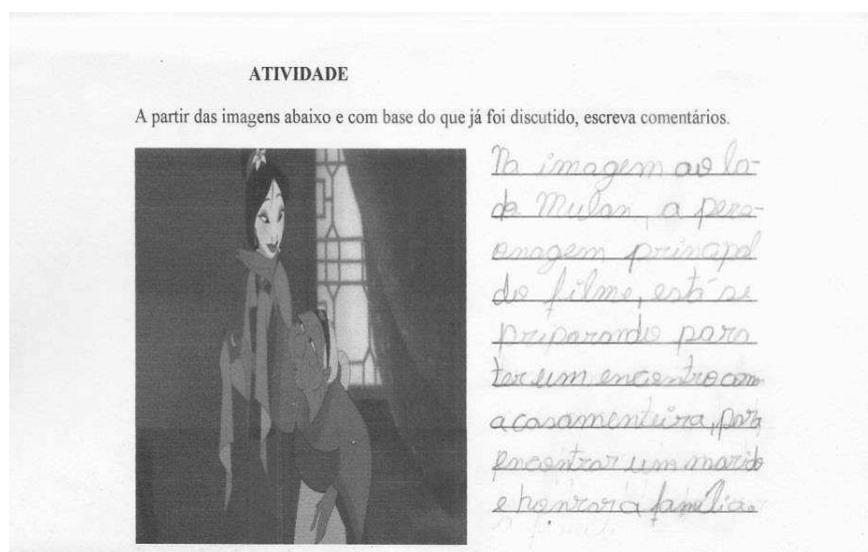


Fonte: Pesquisa direta (Maio/2018).

Com relação aos comportamentos dos homens, a turma foi categórica ao afirmar que, no filme, os homens eram mal-educados. Perguntamos à turma se os comportamentos se assemelhavam aos de hoje em dia. Leonardo (12 anos) afirma: “Acho as mulheres mais educadas”. Sofya (9 anos) diz: “Minha mãe reclama que meu pai não tem bons modos”.

Na primeira imagem da atividade os alunos em sua maioria responderam descrevendo que Mulan estava com a avó se preparando para se encontrar com a casamenteira.

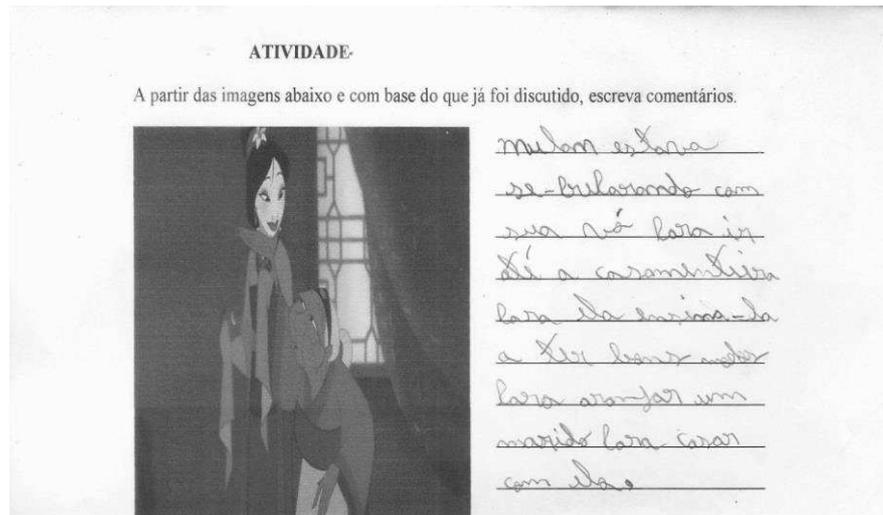
Imagem 6: Representa a resposta da primeira atividade da aluna Jéssica (10 anos).



Fonte: Pesquisa direta (Maio/2018).

Na imagem ao lado Mulan, a personagem principal do filme, está se preparando para ter um encontro com a casamenteira, para encontrar um marido e honrar a família. (Jéssica, 10 anos).

Imagem 7: Representa a resposta da primeira atividade do aluno Geraldo (10 anos).

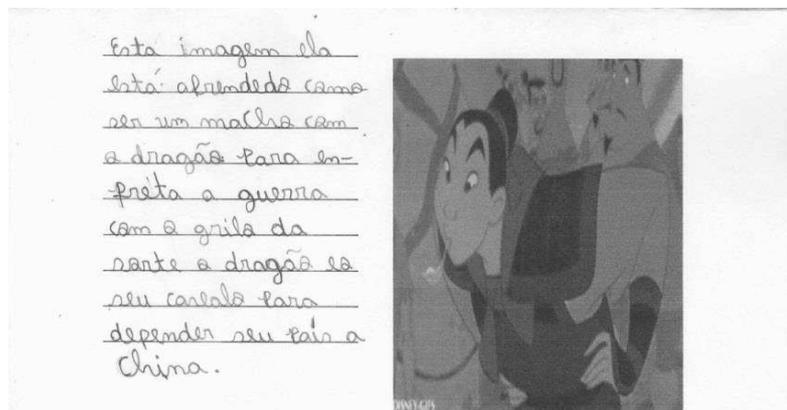


Fonte: Pesquisa direta (Maio/2018).

Mulan estava se preparando com sua vó para ir até a casamenteira, para ela ensiná-la a ter bons modos para arranjar um marido para casar com ela. (Geraldo, 10 anos).

Na segunda imagem a grande maioria dos alunos respondeu que Mulan disfarçou-se de homem e foi para guerra no lugar do pai, porque ele era deficiente da perna e que a personagem teve que aprender a se comportar como um homem.

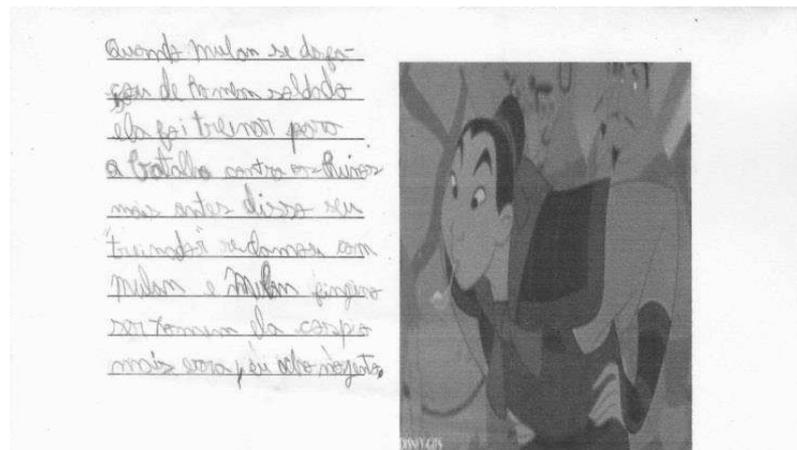
Imagem 8: Representa a resposta da segunda atividade do aluno Arnaldo (10 anos).



Fonte: Pesquisa direta (Maio/2018).

Nessa imagem, ela está aprendendo com o dragão a como ser macho, para enfrentar a guerra com o grilo da sorte e o seu cavalo, visando defender seu país, a China. (Arnaldo, 10 anos).

Imagem 9: Representa a resposta da segunda atividade do aluno Roberto (10 anos).



Fonte: Pesquisa direta (Maio/2018).

“Quando Mulan se disfarçou de homem soldado ela foi treinar para a batalha contra os hunos mais antes disso seu “treinador” reclamou com Mulan e Mulan fingiu ser homem ela cospia mais erra, eu acho nojento” (*sic*). (Roberto, 9 anos). Pelas respostas dos alunos, percebemos que eles conseguiram identificar os comportamentos característicos para as meninas e para os meninos, assim como relacionar com os comportamentos apreciados no momento atual. Na fala do aluno Leonardo e da aluna Sofya há a comprovação de que se espera que a mulher saiba se comportar, enquanto que os homens não possuem tanta preocupação com essa questão.

No quarto instrumento de coleta de dados, em busca de aprofundarmos e reflexões sobre a temática, foi proposto que, através da música “Alguém pra quem voltar”, trilha sonora do filme Mulan, as crianças respondessem a alguns questionamentos. Após ouvir e ler a letra da música, os alunos identificaram as qualidades de uma esposa para os soldados e comentaram a frase cantada por Mulan: “É, mas se ela o cérebro usar vai ser a maioral?”.

Na questão 1, entre as qualidades identificadas nos versos da música, pela grande maioria dos alunos, as principais foram: “Mas se cozinha com destreza”; “A mulher pra mim tem que ser um colosso”; “A mulher pra ele é a mãe que faz o almoço”; “Quando a guerra acaba e a vitória vem nos alegrar”. As respostas denotam que a maioria dos alunos ainda mantém a visão da mulher ligada às atividades domésticas, demonstrando que ela vem sendo

perpetuada geração após geração na sociedade, o que nos leva a refletir acerca da importância da escola como incentivadora e construtora de novas visões a respeito da mulher na sociedade, pelos alunos.

Imagem 10: Representa a resposta da atividade do aluno Pedro (10 anos).

ATIVIDADE	
Leia uma das músicas do filme de "MULAN".	
Mulan	Minha garota é demais
Alguém Pra Quem Voltar	Com ela eu sou o tal
Disney	É, mas se ela o cérebro usar
Por um longo tempo estamos só marchando	Vai ser a maioral?
Como um gado velho que vai se arrastando	Não!
O som do tambor varrendo os pés	Eu sei que sou sensacional, irresistível
Sentindo o chão faltar	Sua modéstia é terrível
Ué! Pensem em ter alguém pra quem voltar	<u>A mulher pra mim tem que ser um colosso</u>
O que?	<u>A mulher pra ele é a mãe que faz o almoço</u>
Foi o que eu disse	<u>Quando a guerra acaba e a vitória vem nos alegrar</u>
Alguém pra quem voltar	Queremos ter alguém pra quem voltar
<u>Sua pele branca como a lua</u>	Desejo ter alguém pra quem voltar
<u>Estrelas no olhar</u>	Alguém pra quem vol...
Mostrar a ela meu poder	ATIVIDADE
<u>Feridas pra cuidar</u>	1- Identifique no texto as qualidades de uma esposa para os soldados.
<u>Eu não me importo com o que veste ou com beleza</u>	2- Comente a frase cantada por Mulan "É, mas se ela o cérebro usar vai ser a maioral?"
<u>Mas se cozinha com destreza</u>	<i>Mulan quis dizer que as mulheres não inteligentes que elas podem ter os mesmos direitos de guerrear que os homens</i>
Boi, porco, frango, hum!	<i>é a questão que os homens tem</i>
O sucesso com as garotas é enorme	
E aumenta mais usando um uniforme	
A saudade só aperta quando vamos guerriar	
Queremos ter alguém pra quem voltar	

Fonte: Pesquisa direta (Maio/2018).

Na questão 2, temos um exemplo de que a construção dessas visões é possível. Na resposta do aluno que aparece acima, temos a afirmação de que: "Mulan quis dizer que as mulheres são inteligentes e que elas podem ter os mesmos direitos de guerrear que os homens têm". Notamos que a resposta tem origem na reflexão do aluno após assistir ao filme e discutir a temática da situação da mulher e seu papel na sociedade, bem como as representações de gênero, notando que a noção de "lugar de homem e lugar de mulher" são criações sociais.

Nas reflexões e questionamentos que o filme possibilitou, as opiniões e pensamentos dos alunos estão voltados para a percepção de rever o papel da mulher na sociedade e

perceberem que as mulheres têm os mesmos direitos dos homens. Por trazer uma amostra das relações sociais, o cinema e a educação, se utilizados de forma a possibilitar a reflexão dos alunos, assumem um papel primordial na sociedade moderna, facilitando a mudança de conceitos, quebrando paradigmas, possibilitando a formação de uma sociedade de igualdade e respeito à mulher e ao homem, permitindo os mesmos direitos e espaços a ambos.

No último instrumento para coleta de dados, foram utilizadas as Histórias em Quadrinhos, doravante HQ's, com o objetivo de permitir aos alunos que se expressem por meio do desenho e da fala uma situação cotidiana em que eles percebessem a distinção entre os papéis sociais femininos e masculinos. As HQs estão inseridas em toda parte, são facilmente encontradas em livros, revistas, gibis, blogs, jornais, entre outros. É um gênero textual que utiliza, ao mesmo tempo, a linguagem verbal e a não verbal, de fácil compreensão e criação por qualquer indivíduo, pois permite ao escritor utilizar a criatividade e a emoção em suas produções.

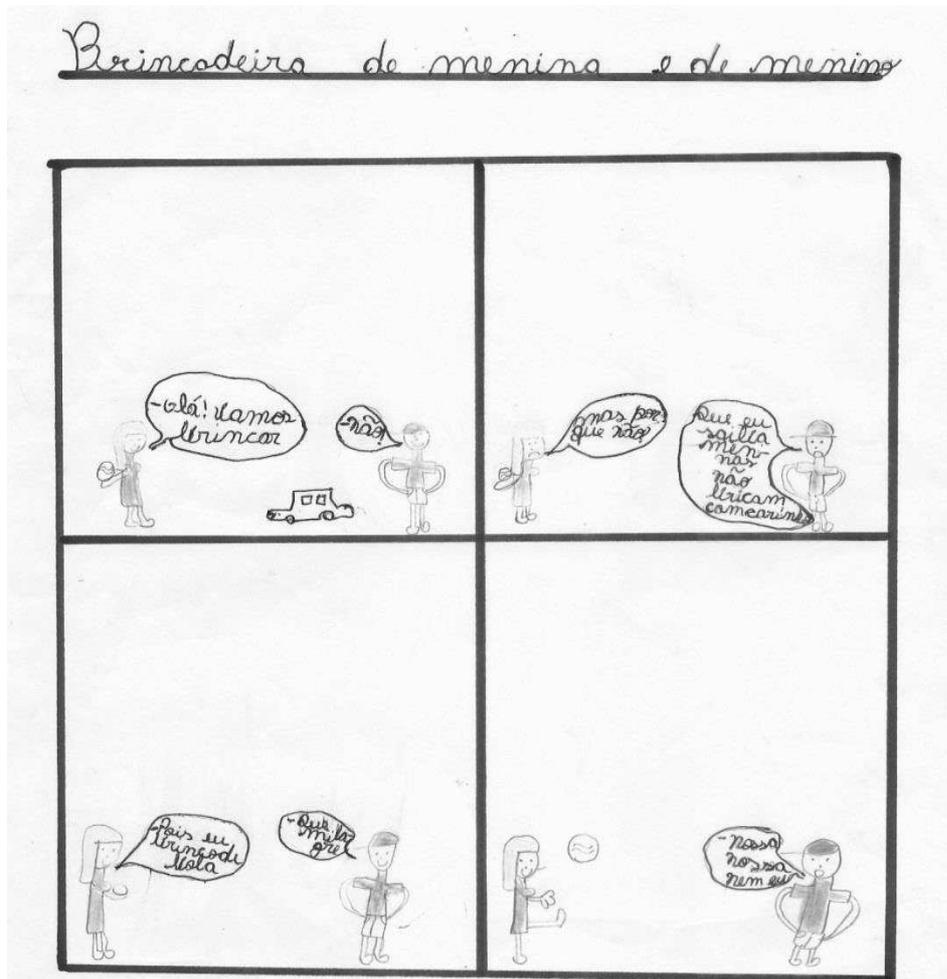
Selecionamos três HQs para analisar as situações sobre as diferenciações entre os papéis sociais entre os sexos. Antes das produções, foi indagado aos alunos se no dia-a-dia, eles percebiam situações em que ocorria desigualdade entre os sexos.

Logo obtivemos as seguintes respostas: “Sim, tem algumas brincadeiras que os meninos não permitem que as meninas brinquem”, afirmou Sofya (9 anos). Que brincadeiras são essas? “O futebol porque menina não sabe jogar”, disse Arnaldo (10 anos).

Continuamos indagando se não havia outras situações em que ocorria esse tipo de problemática, eles responderam que sim. Falaram que ouviram que mulher não sabe dirigir direito. Pedro (10 anos) disse: “Meus pais comentaram que as mulheres recebem menos dinheiro que os homens”. Outros alunos começaram a indagar acerca do motivo de em algumas profissões não haver a presença da mulher, como motorista de ônibus, bombeira, pedreira, mecânica, policial, etc. Leonardo (12 anos) completou: “Nunca vi um homem fazendo as unhas, no salão que a minha mãe vai é só mulher”.

Depois do debate, solicitamos que, diante do que havia sido discutido, produzissem uma história em quadrinhos. Eles ficaram entusiasmados com essa construção, pois possuem familiaridade com o gênero textual. As histórias foram confeccionadas em papel tamanho A4, pedimos que eles decidissem de quantos quadrinhos precisariam para confeccionar suas produções. A partir daí, foram desenhados de acordo com o tamanho desejado pelos alunos. Logo abaixo, há a imagem de uma HQ produzida pela aluna Renata (10 anos), abordando a diferenciação sobre as brincadeiras entre os sexos, intitulada “Brincadeira de menina e de menino”.

Figura 11: Produção da aluna Renata (10 anos): “Brincadeira de menina e de menino”.



Fonte: Pesquisa direta (Maio/2018).

Na produção acima, observamos que a aluna criou o título “Brincadeira de menina e de menino” de acordo com a discussão sobre a temática e entendeu a proposta lançada. No primeiro quadrinho, a aluna desenhou uma menina escondendo uma bola nas costas pedindo a um menino para brincar de carrinho, mas o menino diz não para ela. A expressão facial da menina é de alegria. No segundo quadrinho, a menina questiona a negativa, demonstrando tristeza, enquanto o menino explica que meninas não brincam de carrinho, mostrando-se zangado. No terceiro quadrinho, a personagem, alegremente, mostra a bola e diz que brinca com ela, à medida que o menino, irônico, diz que trata-se de um milagre. No quarto quadrinho, a menina faz uma embaixadinha com expressão facial alegre e deixa o menino admirado, nos deixando constatar a partir da frase: “Nossa nossa nem eu”. (*sic*).

A aluna utilizou dois personagens, a menina com vestido verde e cabelos loiros, o menino trajado de camisa azul, short branco e boné, a expressão facial de ambos muda em

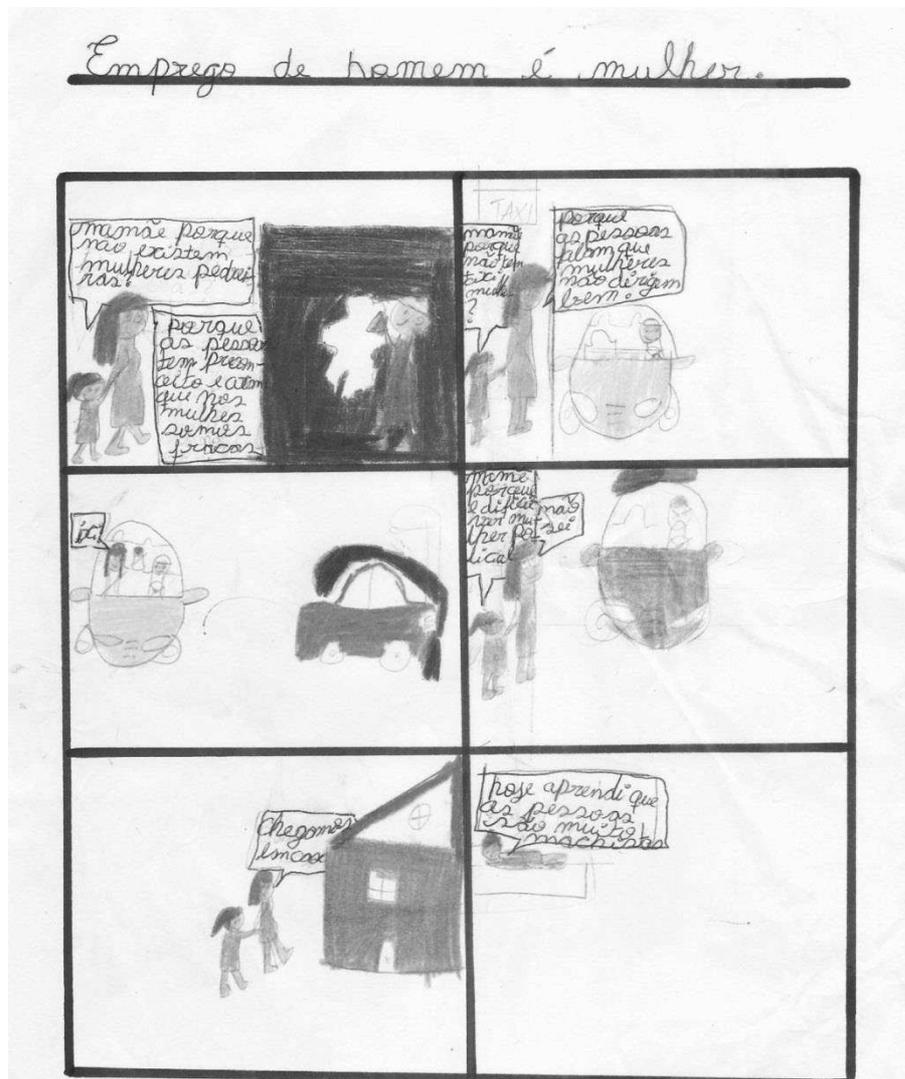
cada quadrinho. Desenhou dois brinquedos, um carro e uma bola, mas não coloriu. Os personagens se repetem em cada quadrinho assim como as cores.

De acordo com Araújo, Nardin e Tinoco (2010) podemos analisar separando por categorias. Sendo assim, a história produzida possui: figuras humanas com vestimentas coloridas que se repetem em todos os quadrantes; presença de uma figura feminina e outra masculina, presentes em todos os quadrinhos; presença de quatro quadrinhos do mesmo tamanho com balões de fala em todos eles; presença da proposta do título ao último quadrinho.

É bem comum esse tipo de situação em nossa sociedade, porque desde que nascemos somos diferenciados erroneamente pela nossa genitália. De acordo com o nosso sexo, somos ensinados por nossa família, pelos amigos e pela escola a nos comportar de acordo com o sexo. Se nascemos mulheres, nos apresentam a cor rosa e os brinquedos que fazem parte do manejo de um lar, do cuidado com os filhos. Se for homem, é apresentada a cor azul e os brinquedos que não fazem parte de um lar, mas bolas, carrinhos, armas e etc. A aluna produziu bem isso na situação apresentada em sua história, utilizou a cor azul para pintar a camisa e a fala do menino, referente à menina brincar de carrinho.

Na segunda HQ produzida pela aluna Jéssica (10 anos), observamos outra situação levantada pela turma sobre a ausência de mulheres em algumas profissões. A aluna utilizou outra das propostas discutidas em sala de aula e também entendeu a proposta lançada, o título é chamativo e transmite uma curiosidade no leitor “Emprego de homem e de mulher”.

Figura 12: Produção da aluna Jéssica (10 anos): “Emprego de homem é mulher”.



Fonte: Pesquisa direta (Maio/2018).

No primeiro quadrinho, a aluna desenhou duas personagens, mãe e filha, caminhando na rua onde havia um homem rebocando um muro. A menina pergunta à mãe porque não existiam mulheres pedreiras e a mãe responde que é porque as pessoas as consideravam fracas para tal serviço e tinham preconceito. No segundo quadrinho, mãe e filha continuam a caminhada e param em um ponto de táxi. A menina volta a questionar a mãe sobre o fato de não ter mulheres taxistas e a mãe responde que mulheres não dirigem bem. No terceiro quadrinho as personagens entram no táxi e a mãe diz: “ixi”. No quarto quadrinho elas descem do táxi e caminham, quando passa uma viatura da polícia e a menina pergunta novamente “Por que não tem mulher policial?”. A mãe, por sua vez, responde que não sabe. No quinto quadrinho elas chegam diante de uma casa e a mãe avisa que chegaram a sua residência. No

último quadrinho, a menina já na cama, fala em voz alta: “hoje aprendi que as pessoas são muito machistas”.

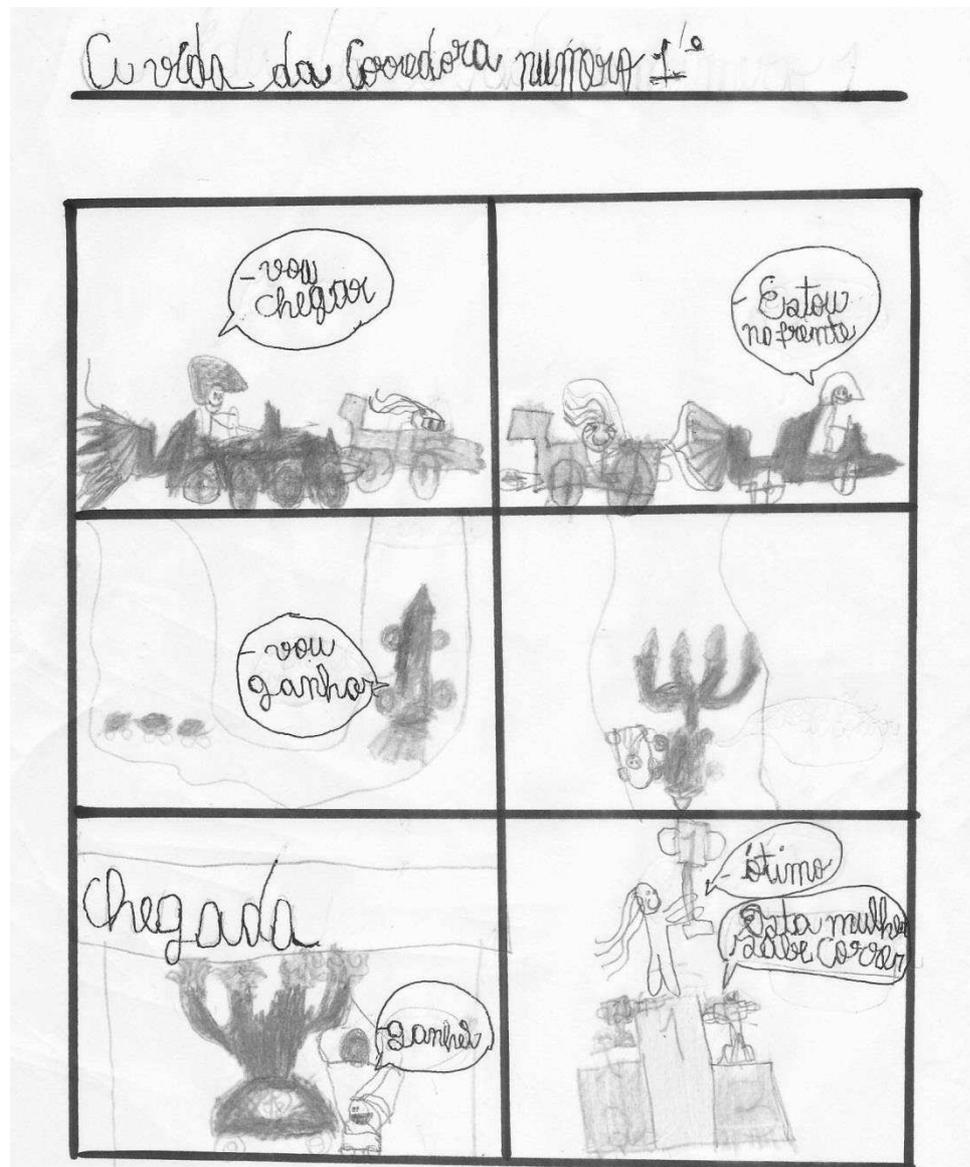
Nessa produção a aluna utilizou vários personagens, como pedreiro, taxista, policial, porém, as principais foram mães e filhas. A mãe trajava vestido amarelo, a filha vestido verde, o pedreiro com uniforme verde e boné amarelo, o taxista com boné branco e a roupa não nítida, assim como a roupa do policial, apenas o boné azul. Também na história, foi desenhado um muro com três tipos de carros, um se repete no terceiro quadrinho (o táxi amarelo), os demais carros são azul e amarelo, uma casa azul com telhado branco contornado de amarelo. As expressões faciais também mudam com o decorrer da história.

Assim como na análise anterior e de acordo com Araújo, Nardin e Tinoco (2010), percebemos a existência de podemos analisar separando por categorias. Sendo assim, a história produzida possui: figuras humanas com vestimentas coloridas que se repetem em todos os quadrantes; presença de figuras femininas e masculinas presentes nos quadrinhos; presença de seis quadrinhos do mesmo tamanho, com balões de fala em todos eles; repetição de personagens no nos cinco primeiros quadrinhos e presença da proposta do título ao último quadrinho.

A questão levantada pela aluna me fez lembrar e refletir as várias discussões em sala de aula, juntamente com minhas colegas e professores, ao longo da minha graduação, que girava em torno do fato de ainda sofrermos, em pleno século XXI, com a desigualdade nos postos de trabalho. As mulheres não estão inseridas em todos os segmentos do mercado de trabalho devido ao preconceito existente e à desvalorização da figura feminina em ocupar lugares considerados “masculinos”, o que também gera conflito entre ambos os sexos.

Em seguida, analisaremos a história do aluno Leonardo (12 anos), que trouxe um título bem interessante: “A vida da corredora número 1”. Outro exemplo de descrédito da capacidade feminina na condução de um automóvel.

Figura 13: Produção do aluno Leonardo (12 anos): “A vida da corredora número 1”.



Fonte: Pesquisa direta (Maio/2018).

No primeiro quadrinho, o aluno desenhou dois carros de corrida, um amarelo com um homem dizendo: “Vou Chegar” e o outro carro verde com rodas amarelas, conduzido por uma mulher. No segundo quadrinho, o carro amarelo é conduzido por um homem que ultrapassa o verde e fala: “Estou na frente”. No terceiro quadrinho, aparece na pista o carro amarelo com o homem dizendo que vai ganhar; no quarto a pista continua com dois carros emparelhados, o amarelo e outro sem coloração. No quinto, o carro sem coloração aparece na frente do carro amarelo e a mulher dizendo: “Ganhei”; no último quadro aparece o pódio com três lugares: a mulher no lugar mais alto erguendo a taça de campeã, pronunciando a palavra “ótimo”, os

dois lugares ocupados por dois homens, um com uma taça e o outro exclamando: “Esta mulher sabe correr”.

Na produção descrita acima, o aluno utilizou inicialmente dois personagens: um homem e uma mulher, mas no último quadrinho aparece um terceiro corredor masculino. Coloriu um dos carros de amarelo com verde e o outro de verde com rodas amarelas, porém, no segundo quadrinho, o carro verde foi colorido por completo de verde e o amarelo com verde, as rodas não foram pintadas. No quarto quadrinho, surgiu um carro todo amarelo e outro sem coloração, enquanto no quinto há um carro pintado de amarelo, com as rodas sem pintura, e um carro sem coloração. Pintou o pódio de amarelo no lugar mais alto, os inferiores de azul e o troféu de amarelo. As expressões faciais são as mesmas.

Na história analisada, segundo Araújo, Nardin e Tinoco (2010), percebemos a existência de figuras humanas sem vestimentas; presença de figuras femininas e masculinas, nos quadrinhos; apresentação de seis quadrinhos do mesmo tamanho com balões de fala nos de número 1, 2, 3, 5 e 6; pouco uso de diálogos, embora apresentem uma sequência lógica; repetição de personagens nos quadrinhos 1, 2, 5, 6; título diferente da proposta apresentada; presença da proposta nos quadrinhos.

O aluno levantou uma questão bem interessante sobre o preconceito sofrido pelas mulheres na direção. Constantemente assistimos, nos meios de comunicação, a casos de agressão verbal ou violência física sofridas pelas mulheres no trânsito, assim como constantes piadinhas envolvendo as mesmas, apesar de, no Brasil os maiores índices de acidentes terem os homens como protagonistas. As mulheres são mais cautelosas no trânsito. O aluno quis nos mostrar que elas são tão competentes e rápidas quanto os homens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola constitui um espaço destinado à construção do conhecimento e à formação do espírito crítico e participativo do aluno como cidadão, bem como o desenvolvimento do respeito aos direitos humanos, sendo o ambiente onde ocorre a valorização das diferenças, daí enfatizamos a sua importância perante a sociedade como um todo.

A pesquisa e as contribuições dos autores sobre gênero corroboram com a compreensão da importância de levarmos esse conteúdo para ser discutido na sala de aula. A relevância dessa temática contribui de forma significativa com a construção individual e social do aluno. A pesquisa teve como objetivo analisar a percepção de gênero na sala de aula. Os dados foram coletados na turma da própria investigadora, uma turma do 5º ano da escola privada Instituto Criança Esperança.

A pesquisa revelou, dentre outros aspectos, que os alunos atribuem qualidades relacionadas à beleza física, ao bom comportamento, à paciência e à docilidade às meninas que fazem parte do modelo de feminilidade presentes em nossa sociedade. Aos meninos, o modelo de masculinidade é baseado no desenvolvimento de habilidades físicas, como agilidade, coragem e inteligência; os alunos conseguiram fazer um comparativo dos interesses da mulher na atualidade (estudo e trabalho) e em épocas passadas (imposição do casamento); identificaram comportamentos apreciados entre homens e mulheres no contexto social do filme e relacionaram com os apreciados pela sociedade atual; perceberam, ainda, a desigualdade entre os gêneros através das próprias brincadeiras, no sentido de que existem brincadeiras diferenciadas para meninos e meninas. Vimos que há desigualdade no ambiente de trabalho, com a predominância de homens e mulheres em determinados setores do mercado, bem como o preconceito sofrido pelo sexo feminino na direção de um veículo, por exemplo.

Pelas respostas dos alunos às atividades propostas e as discussões promovidas em sala de aula conseguimos analisar as percepções dos alunos acerca do gênero. Estes mostraram que o percebem mediante as diferenciações biológicas, daí a importância do professor trabalhar a desconstrução desse pensamento. Entendem que os padrões de menino e menina são diferentes, mas que todos possuem os mesmos direitos e deveres e que precisam valorizar e respeitar essas diferenças.

Os educadores possuem a obrigação de oferecer aos seus alunos uma educação que promova a igualdade, seja qual for o setor, o questionamento sobre as ações que desfavoreçam um ou outro. É dever nosso garantir espaços democráticos, onde todos possam

se relacionar, brincar e compartilhar experiências que os ajude a construir uma sociedade igualitária, conscientizando-os da necessidade de eliminar preconceitos, reconhecendo que as diferenças devem atuar como elementos que promovam a união, não a exclusão. Todos são importantes e possuem os mesmos direitos e deveres perante a sociedade.

Um ponto que a pesquisa nos leva a pensar é na necessidade de que os professores busquem em seus planejamentos pedagógicos e nas salas de aula metodologias e atividades que possibilitem a reflexão e os novos comportamentos das crianças em relação ao gênero. Reforçamos os estudos dos autores que abordam a escola e o cinema como ferramenta pedagógica na construção de conhecimentos e valores em sala de aula, com ênfase nas reflexões sobre gênero.

Esperamos que esta pesquisa possa contribuir com a formação de professores preocupados com a temática em questão e que estes insiram nas suas práticas pedagógicas discussões sobre gênero e tudo o que ele possa englobar, como a desigualdade e o preconceito, pois fazendo isso cada vez mais cedo há uma maior possibilidade de os alunos aprenderem a respeitar um ao outro independente do sexo.

REFERÊNCIAS

AIRES, Anne Caroline Silva. **Relato de experiência etnográfica: a sensibilidade e a tessitura da solidariedade na perspectiva da transversalidade do conhecimento.** 2017. 81f. Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em pedagogia, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2017.

ALARÇÃO, Isabel. **Professor-investigador: que sentido? Que formação?** Cadernos de Formação de Professores, N° 1, pp. 21-30, 2001. Disponível em: <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte/sd/textos/alarcao01.pdf>. Acesso em: 07 de fev de 2018.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da Prática Escolar.** Campinas: Papirus, 2008.

ARAÚJO, Gustavo Cunha de; NARDIN, Heliana Ometto; TINOCO, Eliane de Fátima. Criação e Técnica: **As Histórias em Quadrinhos como Recurso Metodológico para o Ensino de Arte.** Revista Idea, Uberlândia, v. 1, n. 2, p. 1-21, jun. 2010. Disponível em: <http://esamcuberlandia.com.br/revistaidea/index.php/idea/article/view/4/8>. Acesso em: 26 maio. 2018.

BARQUETE, Felipe Leal. **O discurso da criação fílmica como mediação da aprendizagem do saber escolar.** 2017. 135f. Dissertação (Mestrado em Educação Popular) Programa de Pós-graduação em Educação Popular, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Orientação Sexual.** Brasília: 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/orientacao.pdf>. Acesso em: 10 maio. 2018.

CAVALCANTI, Senyra Martins. **A gramática do feminino em Hello Hitty.** Anais do VIII Colóquio Internacional Fazendo Gênero: Corpo, Violência e Poder, Florianópolis, agosto de 2008.

CHARTIER, Roger. **O mundo como Representação.** Revista das Revistas. Estudos avançados, São Paulo vol.5 n.11, p. 173-189, Jan./Abr. 1991.

FANTIN, Mônica. **PRODUÇÃO CULTURAL PARA CRIANÇAS E O CINEMA NA ESCOLA** UFSC GT: Educação e Comunicação/ n.16. Disponível em: http://twiki.ufba.br/twiki/pub/GEC/TrabalhoAno2003/producao_cultural.pdf. Acesso em: 15 jan. 2018.

FLEURI, Reinaldo Matias. **Intercultura e educação.** Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a02> . Acesso em: 12 jan. 2018

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIROUX, Henry. Memória e pedagogia no maravilhoso mundo da Disney. In: Tomaz Tadeu da (Org). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 132-158.

HARAWAY, Donna. “Gênero” para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. **Cad. Pagu**, n. 22, pp. 201-246, 2004.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 1998.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

_____. **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas**. Campinas: Proposições, v. 19, n. 2. maio/ago. p. 17-23, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2018.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Etnopesquisa crítica/etnopesquisa-formação**. Brasília: LiberLivro, 2010.

MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães de. **A abordagem etnográfica na investigação científica**. In MATTOS, CLG., and CASTRO, PA., orgs. **Etnografia e educação: conceitos e usos** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. pp. 49-83. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/8fcfr/pdf/mattos-9788578791902-03.pdf> Acesso em: 14 de maio de 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**. 12. ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 2010.

MULAN. Direção de Tony Bancroft e Barry Cook. História de Robert D. San Souci, Roteiro de Rita Hsiao, Philip LaZebnik, Chris Sanders, Eugenia Bostwick-Singer e Raymond Singer. Produzido pela Walt Disney Animation Studios, 1998.

NAPOLITANO, Marcos. O Cinema e a escola. In: **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 11-37.

NÓVOA, Antônio. **O professor pesquisador e reflexivo**. Entrevista concedida em 13 de setembro de 2001. Disponível em: http://www.tvebrasil.com.br/salto/entrevistas/antonio_novoa.html. Acesso em: 13 fev. 2018.

PAECHTER, Carrie. **Meninos e meninas: aprendendo sobre masculinidades e feminidades**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

PINTO, Claudio Viera. **Cinema de animação-Um breve olhar entre o lazer e a diversão: formação para quê?** Disponível em: <http://www.unifia.edu.br/projetorevista/edicoesanteriores/agosto09/artigos/educacao/cinamadanimacao.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2018.

RAEL, Claudia Cordeiro. Gênero e sexualidade dos desenhos da Disney. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). **Corpo, gênero e**

sexualidade: um debate contemporâneo na educação. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 160–171.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia histórico-crítica:** primeiras aproximações. 11. ed. Campinas: Autores e Associados, 2011.

SCOTT, Joan Wallach: **Gender and politics of history.** Columbia University Press, N.Y. 1989. O livro é uma coletânea dos ensaios aqui referidos. Tradução de Mariza Corrêa, IFCH/Unicamp. Cadernos Pagu n. 3, pp. 11-27, 1994.

ZEICHNER, Kenneth M. **A formação reflexiva de professores por ideias e práticas.** Lisboa: Educa, 1993.